



■ Ao lado, o cometa catando o de catariense Schwanke. Abaixo, o Halley segundo Guto Lacz.

■ Left, the surly Comet by Schwanke. Below, the art of Guto Lacz.

must add that not all of mankind's scribes recorded the appearance of Halley's Comet in gloomy colors. In Rio de Janeiro, in 1910, chroniclers made merry references to the event. The 1910 appearance was, as we know, one of the most brilliant in the Comet's history. Nevertheless, it seems that it was not taken very seriously in Brazil's Capital at the time. Everyone was terrified by the widely announced idea that Earth crossing the Comet's tail would bring catastrophic consequences. Did the population of Rio get down on their knees? By no means! Instead, they took the Comet's tail, wrapped it in malice and sang to it in a carnival song that year:

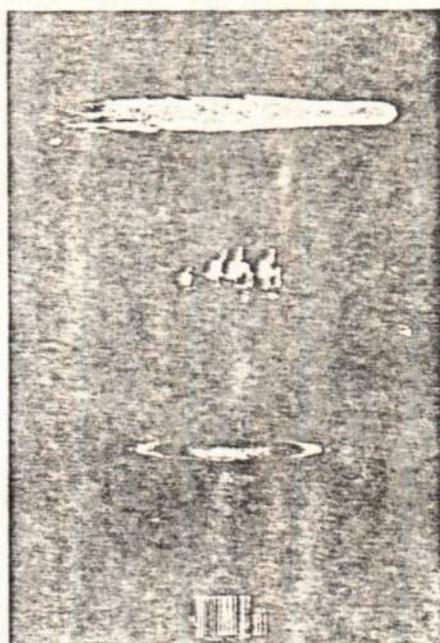
*Yá Yá, let me peep with that spyglass,
I belong in the group that likes
the Comet.*

*Halley's Comet, the Comet in
the air,*

*Lift up your tail. I want to peep
at you...*

Real mass fear only occurred on April 18 when a strange bright spot appeared in the skies of Rio de Janeiro in broad daylight. Was it the Comet coming to settle accounts? No, far from it. According to astronomers of the National Observatory it was planet Venus reaching its greatest brilliance. The press made merry in honor of "delightful Venus who upstaged the long-tailed Comet."

Now to complete the historical background of our distinguished visitor, according to modern astronomers, 837 was the year when the Comet risked coming the closest to the Earth, about 6 million km. (about 3.7 million mi.) This year, when it reaches its closest point to the Earth, the Comet will be 63 million kilometers away. In 1682 it was



observed in England by Edmund Halley, who researched the Comet's past life. Solidly supported by theories of astronomy, mathematical calculations and on the tenacious optimism of astronomers born under the sign of Scorpio, Halley announced the Comet's return in 1759. He was right, but never lived to see it: he died two decades before, becoming, every 76 years, the most popular scientist on Earth.

Finally, in 1910, in the small town of Itabira in the state of Minas Gerais, Halley's Comet was seen by one of the greatest poets of the Portuguese language, Brazilian Carlos Drummond de Andrade.

Halley, the Comet, today. If in the past the Comet made much of keeping its age-old mysteries, this time it will get the short end of the bargain. It is definitely being "peeped at", to use the dubious expression of Rio's

carnival merrymakers in 1910. In one year only, approximately US\$ one billion was spent on equipment to ensure that this time there are no slips: telescopes, spyglasses, special cameras, radio telescopes, superequipped aircraft flying above the denser layer of the earth's atmosphere and, further out in space, right under the Comet's splendid whiskers, six space probes.

This time around it will be a true scientific analysis. Will we unveil all of the Comet's mysteries and denude it at last, literally from head to tail? Will we have this messenger from the gods arrive in March and leave in May, just like a megalomaniac firecracker? What will the children think of it, accustomed, as they are, to Steven Spielberg's odysseys?

No, not quite so. When attracting man to this universe that for millennia has represented a great challenge to him, Halley's Comet includes very delicate areas of the human soul in its trajectory. The sky does not belong only to astronomers and their increasingly more precise telescopes. Before the astronomers, the sky belonged to astrologers, theologians and dreamers in general. For this reason, in February, 1986 a few weeks before the Comet becomes visible in Brazil, we spoke to three experts on celestial issues: an astronomer, an astrologer and a theologian.

Our first intention was to instigate a huge cosmic exchange of the three ways of looking at the Comet. The outcome was a bit different than expected, but we will let you judge for yourself. Here are excerpts from our interviews.

Oscar Matsuura has a doctor's degree in astronomy from the University of São Paulo. He teaches astronomy at the Institute of Astronomy and Geophysics there and is the author of the most complete book on comets ever published in Brazil, *Cometas, do mito à ciência (Comets, from myth to science)*. Editora Ícone.

Q.: As a scientist, what are your expectations in relation to Halley's Comet?

A.: I hope that space probes will bring sure answers to science's old-age questions. Would the small solid body, measuring 3 or 4 km. (about 2 mi.)

LUIZ HENRIQUE SCHWANKE



Schwanke é uma das personalidades mais vigorosas da plástica sul-brasileira contemporânea. Ele sai de um hiper-realismo de ironia, de caráter conceitual, para encaminhar-se, agora, para o neo-expressionismo. Seus trabalhos recentes, embora próximos às experiências da jovem transvanguarda alemã, que põe à mostra sua própria ancestralidade germânica, levam a marca pessoal de uma figuração que, por sua incrível impetuosidade e espontaneidade chega à brutalidade. Schwanke detém-se frequentemente em fixar de forma agressiva e irônica cabeças que transforma em carranca/signos, ou detalhes anatómicos ligados às partes eróticas do corpo humano como seios. A este respeito o texto/poema "Seios, Anseios, Recheios" de Paulo Leminski: - "Anseios. Seja no seio da pátria, seja no seio da arte, seios queremos cheios. Cheios não de taisos recheios, seios lindos não seios feios, seios livres de qualquer recheio. Seios plenos peitos abertos, de que leite estão repletos, estes seios incompletos, seios soltos abstratos concretos. Seria do leite da cor leite vermelho, o leite destes peitos. Seria da cor do leite, este vermelho de carne branco desejo, o destes seios meio machos meio fêmeos, formas fortes perdendo olhos e bocas, anseio de dar ou anseio de tê-los. Não sei. E ao não saber. Sei-c

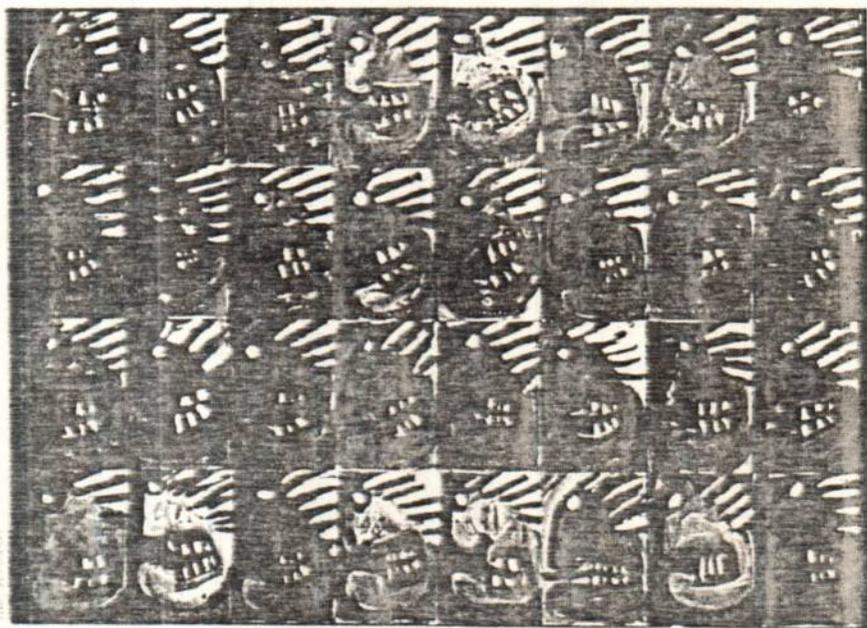
Natural de Joinville, SC (1951), Luiz Henrique Schwanke é formado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Paraná. Embora autodidata, seu amadurecimento artístico dá-se em Curitiba. Seus primeiros trabalhos "bordados" por um pontilhismo peculiar — que nega a identidade do tempo, característica dos impressionistas, para se tornar diagrama visual de uma narrativa intuitiva — revelam a vi-



Tempera sobre tela colada em eucatex, 160 x 130 cm, de 1987

são lírica do adolescente. Na época de estudante trabalha, simultaneamente, com teatro. Apesar de ser um ator de grandes qualidades, acaba se decidindo por artes plásticas. Pouco a pouco, seu processo de intelectualização se acentua de tal forma que, em 77, por razões filosóficas bastante óbvias, ele discute a hierarquia do processo tradicional de criação, pas-

sando a empregar apenas a reprodução mecânica de obras iamoras — como a heliografia — onde intervém somente através da inversão da imagem ou das cores. Isto é, reduz sua proposta ao desafio da percepção visual do espectador, tentando questionar a deturpação da visão, em uma sociedade iminentemente televisiva. Em 78, emerge com uma nova lingua-



Guache sobre papel, 180 x 140 cm, de 1985

gem, conseguindo estabelecer um diálogo mais direto com o espectador. Na III Mostra de Desenho, realizada em Curitiba, torna-se evidente que ele passa a se servir de um *hiper-realismo de ironia*. Lança mão do desenho (em que utiliza recursos fotográficos) e do texto (letra set) de nitida aproximação conceitual. Através do hermetismo da mensagem, ele põe em xeque a dualidade da aparência. Por exemplo, nas duas cadeiras com assento largo, através do título "As duas irmãs de Renoir", além de transgredir a leitura tradicional da história da arte, presentifica o onirismo latente no próprio design, aparentemente preocupado apenas com a seriação. Em outra composição, subdividida em três cortes surgem: uma cadeira vazia, a "presença"; a ausência da cadeira a "própria ausência";

finalmente uma cadeira com a palavra *reservada*, corresponde ao título: "nem presença, nem ausência". O autor intervém em sentido analógico, não só descobrindo situações existentes como questionando o paradigma social. Dentro da mesma linha situa-se a série "São Sebastião (detalhe) de Antonello de Messina" premiada no 36.º Salão Paranaense (79). Miniaturizando e concentrando seus desenhos, envoltos por um grande campo visual branco, que nem por isso, perdem seu poder de impacto, arma um teorema, que recria o clima proposto por Pasolini, ao mesmo tempo que põe em xeque a iconografia religiosa. Entre as suas exposições individuais destaca-se "A Casa Tomada (de Julio Cortázar) por desenhos que não deram certo", realizada em 1980 na Galeria Sérgio Millet da Funarte (Rio de Janeiro). Comenta João Henrique Caiabresi do Amaral: "O seu tempo, Schwan-

ADALICE ARAUJO

ke marca com o relógio. São Sebastião e hoje Travoita, Magai ou Roberto Carlos. Mas são sempre os mesmos. Hoje e amanhã. Pois há o relógio que atenta para a eternidade dos sonhos das mulheres em ter para si os homens que mistificaram... O preenchimento de uma galeria por papéis que não deram certo é como sentar num cinema em que se mostra o que restou — sobras de películas. Porque — triste conclusão — nos resta 'paranóia mistificadora', apenas restamos".

Através de sua própria experiência existencial, acrescida pela leitura de filosofia, psiquiatria e psicologia, nos anos 80, seu trabalho sofre uma mudança radical, de cunho neo-expressionista, que mostra todo um direcionamento para uma linha mais livre, tensa e forte, onde aborda como temática o ser humano visto por uma ótica mais interna do que externa; profundamente sofrida e vivenciada. Sobre material descartável — que utiliza como suporte — Schwanke faz um registro gestual do ser humano. Compõe grandes painéis com retângulos de perfis humanos, que longe de serem clichês representam a voracidade, a violência e o caos individual. As Caras/Carrancas emitem os uivos da fera humana, cujo conjunto, em ritmo exacerbado, mostra os desejos de uma sociedade brutalizada que está se autodestruindo. As línguas em geral à mostra, mais do que símbolos fálicos agem como agulhas-irmãs da agressão social; instrumentos cortantes que, impiedosamente, retaiham em todas as direcções. O artista, mais do que um simples registro, faz uma severa crítica que o leva a se despojar do padrão estético vigente; para retratar os closes da violência social de um Hitler, ao ditador burocrata ou ao assaltante à mão-armada. Sua irreverência acusa a deteriorização da civilização ocidental, às vésperas do século XXI, fazendo via inconsciente coletivo uma leitura existencial catastrófica bastante próxima do clima apocalíptico da 8.ª Documenta de Kassel, em que salvo raras exceções como o chileno Alfredo Jaar, os artistas da América Latina estiveram ausentes. Aliás, diga-se de passagem que a ausência de Schwanke na 18.ª Internacional de São Paulo — justamente, em 85, ano em que ele seria o artista mais premiado em território nacional — foi um dos grandes vazios da seleção "Expressionismo no Brasil/heranças e atitudes" ■

ACONTECE NA SEMANA

ARTES PLÁSTICAS FOLHA DE S. PAULO

Luiz Schwanke inaugura sua primeira individual em SP

RUI MOREIRA LEITE

Especial para o folheto

O artista plástico catarinense Luiz Henrique Schwanke, 36, inaugura hoje, às 21h, sua mostra na galeria Arco Arte Contemporânea. É sua primeira exposição individual na cidade, onde já esteve presente em salões e coletivas.

O artista, que trabalha profissionalmente há dez anos e conquistou há dois o prêmio do Salão Nacional de Arte Moderna, se apresenta com 12 trabalhos. São composições em grande formato, todas elas realizadas a partir de imagens menores — sempre um rosto de perfil de língua de fora — apresentadas, em cada módulo do conjunto, com pequenas variações em relação aos outros.

A mostra é o resultado de um trabalho sobre papel que se iniciou há aproximadamente três anos — lembra o artista — e o impulso de reunir os trabalhos para formar novas composições surgiu naturalmente no atelier pondo as obras para secar. No início os trabalhos eram realizados sobre papel fino mas isso trazia problemas quanto à fixação dos módulos, daí a escolha do cartão grosso, com o conjunto sendo mais tarde fixado e tratado com cêra sobre laminado de madeira montado em chassi. Recentemente Schwanke chegou a usar a tela e alguns dos trabalhos da mostra atual utilizam este suporte.

É nos demais, porém, realizados



Trabalho em que o artista Luiz Henrique Schwanke utiliza técnicas mistas sobre papel, em exposição a partir de hoje na galeria Arco Arte Contemporânea

em cartões posteriormente agrupados, que se sente mais plenamente a força do trabalho do artista fundada na utilização de cores fortes, traço agressivo e profundo equilíbrio na distribuição dos elementos constitutivos da composição.

LUIZ HENRIQUE SCHWANKE - Exposição de onze trabalhos sobre papel. Galeria Arco Arte Contemporânea (al. Tibete, 46, tel. 853-3432, Jardim, zona sul de São Paulo). De segunda a sexta, das 11h às 19h. Sábado, das 11h às 14h. Vernissage hoje, às 21h. Até 31 de outubro.

RUI MOREIRA LEITE, 30, é crítico de Artes Plásticas.

Galerias

Do Reportagem Local

Na semana de abertura da 19ª Bienal Internacional de São Paulo, as galerias apostam em seus melhores nomes, promovendo individuais de pintores como o premiado catarinense Luiz Schwanke (leia texto nesta página), Arcangelo Ianelli e Ivald Granato. Tadashi Kawamata, um dos representantes do Japão na Bienal, abre uma exposição na Unidade 2 e Emanuel Araújo mostra quatorze peças na Skultura.

ARTES PLÁSTICAS

O salão conservador

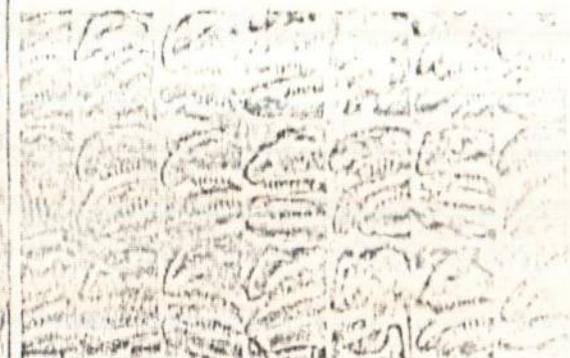
Reynaldo Roels Jr.

COM os prêmios de viagem ainda indefinidos até o início da tarde de ontem, será inaugurada hoje às 18h30min, no Palácio Gustavo Capanema, a mostra final dos 300 artistas selecionados para concorrer no 9º Salão Nacional de Artes Plásticas da Funarte. Além dos trabalhos apresentados nas mostras regionais, o Instituto Nacional de Artes Plásticas da Funarte está mostrando trabalhos recentíssimos dos participantes, o que elevou o número de obras expostas para cerca de 100. O júri foi integrado por Olívio Tavares de Araújo, Harry Laus, João Evangelista, Antônio Henrique Amaral e Luciano Figueredo. É esperada a presença do ministro da Cultura, Celso Furtado, à solenidade de inauguração.

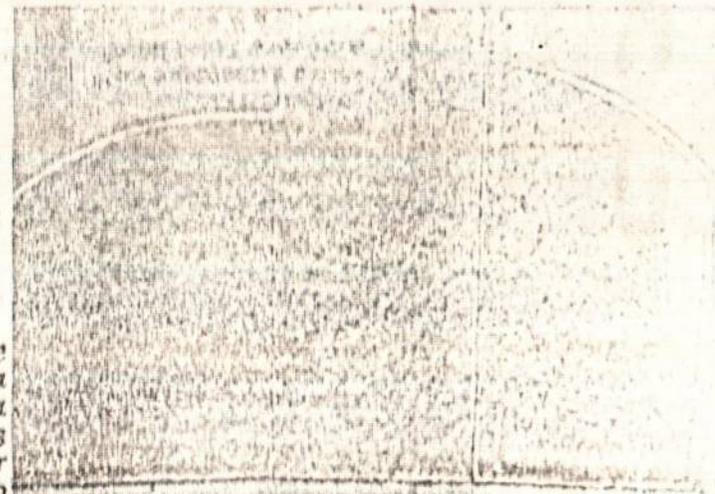
O resultado deste ano é francamente decepcionante. No penúltimo Salão Nacional, o do ano passado, havia pouca coisa realmente inovadora, mas ao menos o espectador tinha a compensação de ver trabalhos de bom nível, alguns de ótimo nível mesmo. Este ano, o quadro é outro. A descentralização do evento e a restrição da mostra final à crème de la crème dos concorrentes, 30 selecionadíssimos, em nada favoreceu a qualidade. Ao contrário, o que se vê é um espetáculo de conservadorismo artístico de nível mais do que duvidoso. É difícil dizer se esse conservadorismo se deve às alternativas oferecidas ao júri, ou se foi devido à escolha feita pelo júri. Mas, a julgar por alguns cortes feitos na reta final, é possível que boa parte da responsabilidade seja da escolha feita.

A presença da pintura é esmagadoramente dominante, como sempre, mas é esta, infelizmente, a parte menos interessante da mostra. As exceções são Suzana Queiroga, Fábio Miguez, Paulo Campinho e João Magalhães. Antônio Augusto Frantz também apresentou trabalhos com bastante força, além de originais: sua pintura não passa da película de tinta, sem o suporte. Dobráveis, inquebráveis e indeformáveis, eles podem ser transportados em uma pasta de mão. Maneira insólita, mas inédita, de transportar uma exposição inteira. A pintura de Lutz Henrique Schwanke também é excelente, mas os outros expositores decepcionam.

Entre os desenhistas, o melhor deles é Chatoão, mineiro que recentemente se destacou em Caminhos do Desenho Brasileiro, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Os escultores foram mais felizes no que apresentaram, e José Carlos Machado, Maurício Bentes, Jailton Moreira e Cláudio Alvares estão em posição bem superior diante da lezíria geral do Salão. Gerlito Carvalhosa, com painéis em encaustica, está estranhamente classificado na categoria escultura. O único trabalho de "mídia contemporânea", como o Salão rotulou, é o audiovisual da equipe coordenada por George Heit. Por que apenas um trabalho nesta categoria, afinal de contas criada para incentivar a pesquisa de novos meios artísticos? Sob este ponto de vista, o Salão do ano passado deu de 10 a 0 neste, onde havia instalações como Mary Clay, do grupo Rádio Novela, e o holopoema *Abraçadabra*, de Eduardo Kac e Fernando Catta-Freta.



Schwanke e suas imagens superpostas a páginas de livros e jornais.
Escultura em borracha, madeira e imã de José Carlos Machado



O tríptico de Suzana Queiroga, uma das pinturas de melhor nível no Salão

A parte polêmica em torno da atualidade ou não do Salão (tema do mais recente boletim do MARCS e que será lançado hoje, durante a abertura), o espetáculo que este último salão descortina é desolador. Lá se vão os tempos em que ele era utilizado para a polêmica. Hoje, ele está apresentando quase que exclusivamente trabalhos satisfeitos consigo mesmos,

sem que os artistas (e talvez o próprio júri) se lembrem de se interrogar sobre aquilo que será mostrado ao público, e que deveria ser representativo da conjuntura artística do Brasil. Mesmo despois de dados os devidos descontos às limitações do Salão, as artes plásticas no país estão em muito melhor situação do que a mostra no Palácio Gustavo Capanema dá a entender.

Textos Críticos

Luiz Henrique Schwanke pratica um trabalho de choque visual, mediante a repetição obsessiva de perfis a gouache sobre papel, colados na tela. Trata-se de uma série que, naturalmente, abrirá caminhos a novas soluções plásticas, uma vez que a escolha não parece apresentar possibilidades inesgotáveis, como seria o caso da figura humana completa. No entanto, esta fase de grande liberdade prenuncia veredas do neo-expressionismo para enriquecer, entre os brasileiros, as fileiras dessa tendência contemporânea. (*Harry Laus, Revista do MARGS, 1986*)

... além do vigoroso trabalho de Schwanke... (*Ivo Zanini - Folha de São Paulo, 1984*)

— Luiz Henrique Schwanke — Com sua pintura sobre papel — retratos dramáticos justapostos com um forte ritmo visual —, o catarinense Schwanke fez uma marcante trajetória pelo país, premiado em Recife, Goiânia, Curitiba e Belo Horizonte. Apesar da originalidade de seu trabalho, ainda não teve espaço para uma exposição individual no circuito Rio—São Paulo. (*Revista Veja, 1986*)

— A obra premiada de Schwanke é um dos exemplos desse "explodir" criativo. Tomando como base um material descartado — as velhas folhas de um livro contábil — e utilizando-se do gouache, o artista constrói uma infundável galeria de fisionomias humanas, em suas diferentes reações diante do mundo. (*Mari Stella Tristão - "Estado de Minas" - MG, 1985*)

... Luiz Henrique Schwanke, de Joinville, Santa Catarina, pelo conjunto de obras (sem título — gouache sobre papel). O trabalho de Schwanke recupera criativamente o material descartado, tomado como suporte no qual faz desfilar, em ritmos gráficos, ágeis na sua contundente ironia, seqüências de perfis que expressam uma gama de reações do homem, na sua dolorosa relação com o mundo — relação que o obriga a metamorfosear-se continuamente... (*Ata da Comissão Julgadora do 17.º Salão Nacional de Belo Horizonte*)

Nos anos 70, após ter feito experiências com heliografia, onde explorava a inversão da imagem; sua obra acaba por absorver uma linguagem hiper-realista de caráter conceitual que o faz conhecido nacionalmente.

Através de sua própria experiência existencial, acrescida pela leitura de filosofia, psiquiatria e psicologia, nos anos 80, seu trabalho sofre uma mudança radical, de cunho neo-expressionista, que mostra todo um direcionamento para uma linha mais livre, tensa e forte, onde aborda como temática o ser humano visto por uma ótica mais interna do que externa; profundamente sofrida e vivenciada. Sobre material descartável — que utiliza como suporte — Schwanke faz um registro gestual do ser humano. Compõe grandes painéis com retângulos de perfis humanos, que longe de serem clichês representam a voracidade, a violência e o caos individual. As Caras/Carrancas emitem os uivos da fera humana, cujo conjunto, em ritmo exacerbado, mostra os despojos de uma sociedade brutalizada que está se autodestruindo. As linguas em geral a mostra, mais do que

símbolos fálicos agem como agulhas-ímãs da agressão social; instrumentos cortantes que, impiedosamente, retalham em toda as direções. O artista, mais do que um simples registro, faz uma severa crítica que o leva a se despojar do padrão estético vigente; para retratar os closes da violência social de um Hitler, ao ditador burocrata ou ao assaltante à mão-armada. Sua irreverência acusa a deteriorização da civilização ocidental, às vésperas do século XXI. (*Adalice, Araújo - Gazeta do Povo, 1986*)

Devem ser mil as faces desta arte que vive e nos instiga... Por sua constante capacidade de refletir, pesquisar e evoluir, Schwanke chega a resultados surpreendentes — no papel descartado como suporte de seu desenho: nas expressões irônicas/agressivas/cômicas de seus perfis; nos efeitos sempre novos das cores, texturas e volumes; na pulsação desta massa que, talvez por não nos encarar nos deixa perdidos, mas não menos inseridos...

Porém, aplainando este miriógono, vamos ver que o que se mostra na totalidade da arte de Schwanke é a face única de um espelho onde se encontra refletida a própria humanidade de nosso tempo com seu inquietante jogo, onde se avizinham imprevisibilidades e interações. (*Sílvia Heinzmann, 1987*)

... Schwanke, levando até as últimas conseqüências a temática obsessiva de suas máscaras exasperadas é a grande presença desta coletiva... (*João Otávio Neves Filho, Jornal "O Estado", 1986*)

... com formação em Curitiba, reflete a ferocidade dos instintos humanos nesta sociedade de consumo... (*Osmar Pisani, Jornal "O Estado", 1986*)

... Os gouaches de Schwanke, entretanto, cujas garatuñas repetitivas provocam uma movimentação visual, desmonstram um processo adiantado de pesquisa essencialmente ótica... (*Radhé Abramo, Diário Popular, 1986*)

... uma figuração bastante familiar para vocês, de Luiz Henrique Schwanke, em que vocês vêem exatamente que ele trabalha com um elemento muito curioso, que é o elemento da exacerbação da expressão. E o que é Caricatura? Caricatura vem da palavra "caricare", "carregar", do italiano; carregar na expressão. E a Caricatura sempre foi justamente carregar na expressão para tornar mais característico determinado tipo. Mas a gente vê que, no Schwanke, ele não apenas carrega, mas vai mais além; ele exacerba de tal modo a expressão que cria uma outra forma. E ele a faz como uma especulação formal, uma criação de formas a partir, justamente, dessa exacerbação da figura que em primeiro lugar foi o móvel dele. Há até todo um desenvolvimento deste trabalho em que há expressões novas desenvolvidas nessa forma serial, sucessiva: o olho do espectador erra, não centraliza numa imagem, fica vagando entre uma e outra e descobrindo justamente as formas e não mais a expressão, quer dizer, ao contrário do que a Caricatura normalmente exige — marcar pelo exagero uma determinada expressão — ele, na descentralização serial, obtém o resultado oposto e nos conduz a uma especulação e formas. (*Excerto da palestra proferida pela crítica de arte Aracy Amaral no Museu de Arte de Joinville, 1986*)

Três décadas de arte no Paraná

IVO ZANINI

Crítico de "Folha"

ARTISTAS DO PARANÁ. Aproximadamente 100 expositores com mais de 250 obras datadas de 1950 a 1980. Salão Cultural da Fundação Armando Álvares Penteado, rua Alagoas, 900. Até 15 de abril, de terça a sexta das 14 às 22 horas, sábados, domingos e feriados das 13 às 18.

Uma coletânea abrangendo três décadas de produção sempre oferece um amplo campo visual para se apontar os valores sólidos e os que ainda buscam firmar seu talento. A exposição de quase cem artistas do Paraná, organizada pelo Museu de Arte Contemporânea de Curitiba, na Faap, é um documento vivo do que eles realizaram de 1950 até 1980. Dos seus mais representativos mestres — Guido Viaro, Miguel Bakun e Paul Garfunkel — até atingir os da nova geração, há uma grande disparidade, naturalmente. Na técnica, no aprofundamento temático, no tratamento da tela, do papel ou de madeira, pouco os aproximam. Sabe-se que o esforço para trazer esse

panorâmica paranaense foi grande, pois mais de 500 artistas inscreveram-se para tomar parte do evento. Ainda que tenha havido rigorosa seleção, algumas dezenas de obras em nada enriquecem o Salão. Especialmente os incluídos na ala da década de 80, a mais numerosa da mostra (quase a metade). Por aí se constata a exiguidade de novos talentos, situação que predomina em todo o país. Dessa meia centena, alguns merecem registro, como a escultora Elizabeth Tilton, dentre todos do setor a que apresenta formas mais dinâmicas; a gravadora Daisy Carneiro, o desenhista Geraldo Leão (trabalha em cima da tela), o trabalho sarcástico de Raul Cruz, Francisco Faria e as gravadoras Denise Roman e Guiomar Silva.

Os da década de 70, melhor representados, tem a encabeçá-los o bom informalista-figurativo Zimmermann, sempre com barbantes e esparadrapos pintados em linguagem de terceira dimensão; o falecido italiano Franco Giglio, os nanguins bem estruturados de Estela Sandrini e Margarida Weishe-

mer, além do vigoroso trabalho de Schwanke e da gravura sensível de Paulo Mentos, este residente durante muito tempo em São Paulo.

Mas repouse na década de 60 o que há de mais expressivo na produção artística do Paraná, em relação ao que aqui agora é mostrada. Apesar de serem poucos esses valores que destacamos — Fernando Calderari, Fernando Veloso, Alberto Massuda, Erico da Silva, Helena Wong, João Brzezinski e Gilda Belczak — eles valorizam a exposição. Na composição abstracionista ou dela próxima e na elaboração figurativa, o pequeno grupo atinge nível de primeira. Há cristividade, despojamento do próxi- mo, liberdade de formas e narrativas. Eles e mais alguns dos citados de outras décadas sustentam a sobriedade do certame.

A iniciativa do MAC paranaense é mais do que válida, possibilitando uma visão generosa do que lá realizam seus artistas, ainda que vários não tenham estrutura suficiente para tomar parte de evento tão significativo.

ARTE

Os jovens vão às galerias

Em 1985 as galerias e museus foram invadidos por uma colorida multidão que habitualmente só era encontrada nos shows de jovens romancistas. Parte dessa garotada também pendurou suas telas em muitas exposições de estreantes. De modo geral, foram esses jovens que engrusaram o furo de da Bienal Internacional de São Paulo, visitada por 220 000 pessoas. E as melhores exposições deixaram de acontecer somente no eixo Rio—São Paulo: o circuito das artes tornou-se mais intenso em um maior número de capitais do país.

☞ **BIENAL DE SÃO PAULO** — Em 72 dias, a 18.ª Bienal Internacional de São Paulo apresentou o balanço fiel da situação internacional: um excesso de artistas neo-expressionistas, a nova tendência da arte ambiental e alguns grandes artistas solitários.

☞ **BUONO GIORGI** — Ao completar 80 anos, o escultor paulista foi homenageado com duas exposições no Rio e uma em São

Paulo. O conjunto serviu para resgatar a força de sua escultura figurativa e para re- memorar com eloquência a sua posição de pioneiro na realização de obras modernas em grandes espaços públicos.

☞ **ERNST BARLACH** — Um raro conjunto de 73 gravuras originais do escultor e gravador alemão Barlach — um dos nomes de primeira grandeza do expressionismo alemão do início do século. Trazida pelo Instituto Goethe, esta mostra, inaugurada em Curitiba, percorrerá todas as capitais do país ao longo de 1986.

☞ **DI CAVALCANTI** — Uma coleção de 180 desenhos inéditos que pertenciam ao acervo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. A exposição revela de forma magnífica que Emília- no Di Cavalcanti foi sobretudo um fino desenhista de tipos populares e que seus desenhos serviram de base para a sua pintura.

☞ **DAREL** — Aos 61 anos, o pernambucano Darel Valença Lins, trinta de pintura, realizou exposições no Rio, São Paulo e Recife, onde tocou a temática das cidades imaginárias que o consagraram por

fascinantes mulheres sensuais e grupos de figuras em ambientes misteriosos.

☞ **IBERÊ CAMARGO: TRAJETÓRIA E ENCONTROS** — Coordenada pelo Museu de Arte do Rio Grande do Sul, uma imponente exposição com 122 telas na qual o artista gaúcho de 71 anos está representado em todas suas fases e também são mostradas telas dos mestres que o influenciaram — como De Chirico, Utrillo e André Lhote.

☞ **LUIS HENRIQUE SCHWANKE** — Com sua pintura sobre papel — retratos dramáticos justapostos com um forte ritmo visual —, o catarinense Schwanke fez uma marcante trajetória pelo país, premiado em Recife, Goiânia, Curitiba e Belo Horizonte. Apesar da originalidade de seu trabalho, ainda não teve espaço para uma exposição individual no circuito Rio—São Paulo.

☞ **JOSÉ ANTONIO DA SILVA** — O paulista de 76 anos e quarenta de pintura demonstrou que é possível fazer uma pintura original e irreverente, seguindo só a intuição. Queimadas, plantações e cenas de roça — sua temática habitual — têm uma força visual além do pitoresco ou da crônica rural.

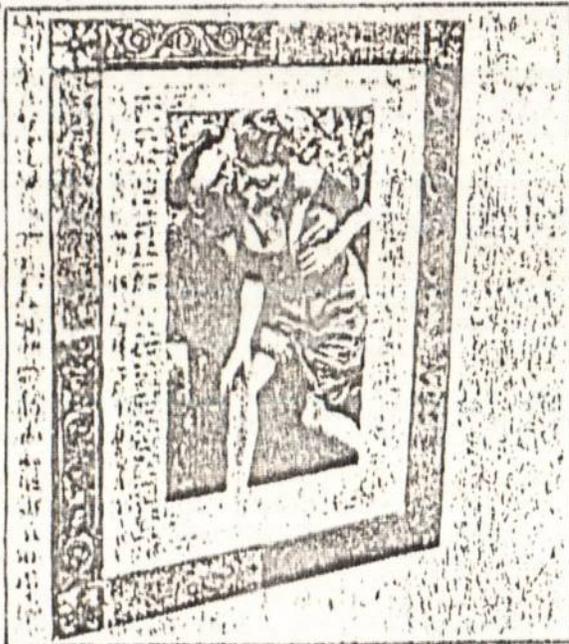
Ilustrada

terça-feira, 27 de novembro de 1984

No MAM, um panorama bastante restrito

ANTONIO
ONÇALVES FILHO

A cada edição do Panorama de Arte Brasileira — e esta é a quinta de que o Museu de Arte Moderna de São Paulo foi reinaugurado, em 1969 — a expectativa permanece imutável. Imagina-se que estes eventos como regionalismo ou mesmo a distância geográfica do Rio-São Paulo não deverão impedir o público de conhecer a produção dos artistas contemporâneos ainda não consagrados e residentes fora desses limites. Como sempre acontece, essa expectativa é frustrada, assim por edição.



"Releitura da Bíblia", de Leon Ferrari

O Panorama 84 — Arte Sobre Papel — ampliou apenas os limites das tentativas sobre papel, abrangendo este ano, além de desenhos e gravuras, a arte-xerox, a arte postal e o papel manufaturado. Contando com a participação de 49 artistas (26 deles do Rio e de São Paulo), cada um deles representado por duas ou três obras, a exposição que será inaugurada hoje, às 19 horas, no MAM, só pode ser classificada de uma maneira de erros pela presença

entre os expositores, de geniais criadores como Mira Schendel ou Amelia Toledo e novos talentos como o cearense Luis Hermano F. Farias (residente em São Paulo), além, é claro, de outros nomes devidamente reconhecidos como Renina Katz, Marcello Grasmann e outros.

Compreende-se, naturalmente, que a diminuta verba do MAM não permita a comissão de seleção dos autores e obras — formada pelo

crítico Alberto Beutenmüller, os artistas plásticos Glauco Pinto de Moraes, Aldemir Martins e Zaragoza, e a ex-coordenadora do museu, Ilza Leal Ferreira — tantas viagens quanto seriam necessárias para reunir, no museu, trabalhos representativos de artistas de outras regiões do Brasil além do Rio e São Paulo. Por outro lado, como justificar os critérios de premiação deste ano, que classificaram, como trabalhos de maior relevância, os de Renina Katz, Alcindo Moreira Filho e Carlos Wladimirski (os dois primeiros de São Paulo e o último do Rio Grande do Sul)?

Não se está discutindo, obviamente, a qualidade das obras dos artistas premiados ou sua competência. Mas onde ficam Mira Schendel, Amelia Toledo ou Nelson Félix no ranking de um panorama que se pretende competitivo e abrangente? No caso das duas primeiras artistas, não seriam merecedoras de um prêmio igual ao concedido a Marcello Grasmann ("conjunto da obra")?

Uma boa reprise

Deixando os prêmios de lado, o Panorama deste ano pode ser apreciado como uma síntese bem reduzida da arte contemporânea brasileira. Muitas das obras expostas já foram vistas nas individuais (recentes) de artistas como Nelson Félix, Luis Hermano e Bené Fontelles, ou estão

prestes a ser exibidas em outras galerias (caso do excerto da série "Releitura da Bíblia", de Leon Ferrari, a partir desta quinta-feira, na Galeria Suzanna Sassoun).

Há poucas novidades. Fayga Ostrower permanece Fayga, Lizarraga continua Lizarraga, ou seja, mantém o virtuosismo de sempre, apresentando obras que podem ser vistas como exercícios aplicados de quem poderia ousar mais. O premiado Alcindo Moreira Filho mostra trabalhos monocromáticos não exatamente revolucionários, apesar da homenagem a Malevitch. Há, também, xerox de Alex Flemming e Hudinlison Jr.

Interessante notar que, enquanto o Sul caminha em direção ao abstracionismo (ou já chegou lá, em muitos casos), mais para o Norte e Nordeste prevalece a tradição figurativa. É o caso do trio cearense formado por Maurício Coutinho, Luis Hermano e Tarcelo Félix. Há uma incômoda sensação de resgate na obra de Félix, que pode recuperar algo tão anacrônico quanto o realismo socialista. Continuando assim, ainda vamos acabar descobrindo os futuristas. Tomara que o próximo Panorama demonstre o contrário. Até lá, quem desejar visitar o atual terá até o próximo dia 27 de janeiro, nos dias úteis, das 13 às 19 horas, e, aos sábados e domingos, das 11 às 19 horas.

Handwritten note: interessante notar que, enquanto o Sul caminha em direção ao abstracionismo...

Plásticas

ESTADO DE MINAS - 11/12/95

Em noite de
gala, Museu
premia
vencedores
de 85



Luiz Henrique Schwanke: o grande vencedor do 17º Salão Nacional do Museu de Arte de Pampulha

Hoje, 21h, a abertura do 17º Salão Nacional do Museu de Arte de BH. Este ano, concorrerão 556 artistas de 14 Estados, num total de 344 obras, compondo um painel harmônico das tendências e linguagens das mais variadas de nossa arte.

Os três primeiros colocados são: o catarinense Luiz Henrique Schwanke (primeiro lugar), Jorge dos Anjos e Mário Zavagli (2º) e Roberto Vieira (Juiz de Fora) e Jarbas Juarez (3º). Estes e outros selecionados receberão um total de prêmios em dinheiro que soma 88 milhões de cruzeiros, sendo 30 milhões para Schwanke.

O salão é hoje um dos eventos mais importantes no calendário artístico nacional. Na reunião desta noite, estarão presentes o governador Hélio Garcia, o secretário de Cultura, Delfim Ribeiro, o prefeito Ruy Lage e algumas das maiores expressões das artes plásticas e da cultura do País.

Se você não quiser usar seu carro, um lembrete: o Museu agora tem linha de ônibus especial - a 2212-B (Leblon/Museu de Arte). Ponto no centro: em frente a Imprensa Oficial, na av. Augusto de Lima, entre as ruas Espírito Santo e Rio de Janeiro.



1º Lugar: Schwanke - SC
Obra: Sem Título
Grande Prêmio Cidade de Belo Horizonte

(MG) 1, Paulo Pardini (MG) 3, Rosângela Ferreira (MG) 2, Jackson Seixas (MG) 3, Edson Machado (MG) 2, Luiz Felipe Cabral (MG) 3, Goes (ES) 1, Loiva Reis (MG) 3, Maria da Glória Lanza Campolina (MG) 3, Carlos Ernesto Falci (MG) 3, Arnold Borgerth (MG) 3, Grupo Ballala de Ghattus (MG) 1, Rúbia Roberta (MG) 3, Bauer Sá (BA) 3, Sérgio Tropia (MG) 3, Roberto Vieira (MG) 3, Ruy Meira (PA) 3, Amâncio (MG) 3, Eral Fantini (MG) 3, Maria José Carvalho (MG) 2, Paulo Schmidt (MG) 3, Sônia Labouriau (MG) 1, Magda Resende (MG) 2, Lindsley Dabbert (MG) 3, Cláudia Renault (MG) 2, Artur Matuck (SP) 1, Ricardo Pinheiro Cury (MG) 1, Paulo Emílio Lemos (MG) 1. Dentre os selecionados, após amplo debate, o júri decidiu, através de voto pela seguinte premiação: Grande Prêmio Cidade de Belo Horizonte: artista Luiz Henrique Schwanke, de Joinville, Santa Catarina, pelo conjunto de obras (sem título - gouache sobre papel). O trabalho de Schwanke recupera criativamente o material descartado, tomado como suporte no qual faz desfilarem, em ritmos gráficos, ágeis, na sua contundente ironia, seqüências de perfis que expressam uma gama de reações do homem, na sua dolorosa relação com o mundo - relação que o obriga a metamorfosear-se continuamente. Prêmio Secretaria Municipal de Cultura e Turismo: dividido entre os artistas Mário Júlio Zavagli - Belo Horizonte, Minas Gerais - e Jorge Luiz dos Anjos - Ouro Preto, Minas Gerais. Mário Zavagli

Cataloqo Juliao BH



Mauro de Vasconcelos, diretor de Larumã...
Larumã, no Teatro Especial Av. Augusto Ferraz...
1500 - 18º andar). Segundo Teresa Quint...
no e Wanderley Gomes, os produtores, os...
custos já chegaram à casa dos 350 milhões...
de cruzeiros. Trata-se de uma videopeça...
Há uma ação no palco sobre o vídeo, que...
se misturam, completam e intercalam a nar...
do a narrativa da história. A obra para o...
obra para o teatro foi feita por Danyel Lan...
trabalho. A direção de vídeo é de Carlos...
o vídeo de Farouk Belmonte. A vídeo som...

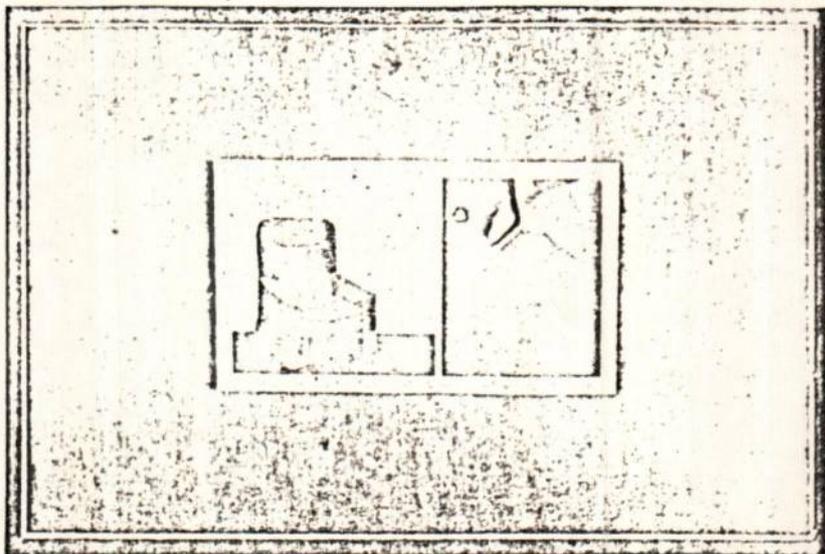
De Duchamp a Schwanke, a arte falando da arte

Desde os tempos do Dada, o artista moderno substituiu a natureza pela arte como um dos temas centrais de seu trabalho criador. O artista passa, hoje, pela História da Arte, como antes caminhava pela natureza. Ou pela realidade social. E assim como temos na massa de eletrodomésticos que inundam a paisagem moderna uma segunda vegetação, a arte como que adquiriu autonomia, tornando-se um sistema auto-referencial. Arte sobre arte, eis o grande tema da produção artística contemporânea. Com sua reticula, Lichtenstein redesenhou toda a história da arte, assim como Paulo Roberto Leal tem passado em revista, com sua obra, a arte construtiva brasileira, e o desenhista Arlindo Daibert metamorfoseou-se em Vermeer para desenvolver, em seu ateliê, a lição de pintura. De Duchamp a Schwanke (Luiz Henrique) a arte tem sido motivo de todas as honrarias e atenções do artista. Está claro que ao deixar de, com sua arte, ilustrar a vida, o artista tende a reduzir a arte a mera tautologia, confinando sua área de influência, tornando-a por vezes um jogo para iniciados. Mas, enfim, este é um dos caminhos seguidos pela produção contemporânea, e à crítica cabe acompanhá-lo.

NA POLTRONA, A HISTÓRIA DA ARTE

A exposição de Luiz Henrique Schwanke, (Joinville, Santa Catarina, 29 anos, morador em Curitiba) na Galeria Sérgio Milliet, da Funarte está dividida em três partes. No centro da galeria, sobre o tapete, e ocupando quase todo o espaço disponível, o artista acumulou folhas de papel de jornal amassadas. E uma ilustração quase literal de um conto de Júlio Cortázar, "A casa tomada". O artista como que é expulso de seu espaço pelos milhares de desenhos que não deram certo. Outra parte da exposição consiste na ilustração do conceito de claro-escuro, p. ex. Caravaggio, mediante a criação de um fecho intenso de luz. Só que a funcionária da galeria decidiu desligar a resistência e assim a obra deixou de existir.

Finalmente, a parte maior da exposição é constituída por cerca de 30 desenhos realizados a partir de 1979. Apesar de ser a parte mais convencional da exposição, é a mais interessante, e a que melhor ilustra o trabalho criador de Schwanke. O artista começa estabelecendo um diálogo entre dois quadrados e as três cores puras, numa antecipação de um conversa que teria com um colega sobre Mondrian. (O artista holandês, aliás, anda muito presente nas exposições cariocas: vide Antonio Manoel, Márcio Sampaio e Salão Nacional). Desse "clássico" da pintura moderna, em cujo espaço introduz frutos e esportistas, Schwanke passa ao exame de artistas do passado, como Renoir, Canova, Georges La Tour, Antonello de Messina, Caravaggio etc. Ao iluminar, com um fósforo, o espaço escuro do papel, Schwanke faz irromper bruscamente na memória do espectador ilustrado a belíssima obra do artista setecentista La Tour. Não é apenas o espaço que se forma ali, no papel e na memória, mas, também, a cor, subitamente iluminada, e que ele transfere para um sofá, representado ao lado. Elegendo o sofá como



"São José Carpinteiro/La Tour", aquarela, lápis de cor sob papel, de Luiz Henrique Schwanke

leit-motif, Schwanke vai fazendo transposições cromáticas de obras do passado: Renoir, Caravaggio, etc. Como se ele quisesse sugerir que este perfeito *design* moderno fosse uma espécie de receptáculo de uma tradição plático-visual forjada pelos pintores ao longo da história da arte. Vale dizer, a arte não está apenas naquilo que normalmente identificamos como arte — quadros, desenhos, esculturas — mas na totalidade do meio formal, assim como o presente está mergulhado no passado — e no futuro também. Pois a obra de arte não seria apenas a documentação de um espaço-tempo espiritual, mas a antevista de novos ambientes e comportamentos. A pintura antecipa o urbanismo renascentista, na Itália, assim como Rebolão "documenta" uma cor paulista dos anos 30/40. Estes sofás miniaturizados de Schwanke como que guardam toda a elegante sensualidade do claro-escuro da época barroca ou do hedonismo classe média de Renoir, que por sua vez, foi beber sua sensibilidade em Velasquez.

Ao fragmentar a imagem de São Sebastião, de Messina, em seis pequenos detalhes, Schwanke, por sua vez, desmistifica a religiosidade implícita na iconografia do santo, aproximando-a do universo da publicidade ou dos ídolos da cultura de massa.

BRASIL EM CALI E MONTEVIDEU

Conhecidos os nomes dos artistas que irão representar o Brasil em duas bienais latino-americanas. Promovida pelo jornal "El País", de Montevideo, o Uruguai vai realizar em fins de dezembro deste ano, coincidindo com o Mundialito de futebol, a "I Bienal Internacional do Esporte nas Artes Plásticas". O tema será "O futebol na arte", e no júri de premiação estará Casimiro Xavier de Mendonça. A representação brasileira será nitidamente de vanguarda: Waltércio Caldas, Cildo Meirelles, Tunga, Bené Fonteles, João Câmara Filho, Paulo Bruscky, Lidia Magliani, Marcelo Nitsche e Genilson Soares.

Indicados por Aracy Amaral e Sônia Guarita, serão 20 os participantes brasileiros da IV Bienal de Artes Gráficas de Cali, Colômbia, a ser inaugurada em março de 1981, no Museu de La Tertulia. Em desenho, Mira Schendel, Tunga, Waltércio Caldas, Carmela Gross, Leon Ferrari, Wilma Martins, Cildo Meirelles, Jair Glass, Arlindo Daibert, Marcelo Grassmann; em gravura, Lilliane Dardot, Regina Silveira, Marlene Hori, Massuo Nakakubo, Gerty Saruê, Evandro Carlos Jardim, Ivone Couto e Odetto Gersoni e projeto gráfico/cartaz, Ricardo Ohtake e Júlio Abe Wakahara.



O número 4 da "Arte em Revista" (Editorial Kairós, São Paulo) é inteiramente dedicado ao debate sobre a arquitetura no Brasil. Coordenado por Otília Arantes e Celso Favaretto, em nome do Centro de Estudos de Arte Contemporânea, e com o título geral de "Arquitetura Nova", este número de cem páginas, reúne os principais documentos sobre arquitetura no Brasil. Sobre a Casa Modernista de Gregori Warchavchik, a revista publica, além do manifesto de seu autor, textos de Flávio de Carvalho, Oswald e Mário de Andrade. Lúcio Costa expõe as "Razões da Nova Arquitetura" (1930), Marcelo Roberto depõe, enquanto J. Vilanova Artigas comenta os "Caminhos da Arquitetura Moderna" (1952), Max Bill censura os arquitetos brasileiros,

quando de sua passagem pelo Brasil, em 1953, e Luis Saia diz que "a fase heróica da arquitetura brasileira já foi esgotada há alguns anos", isto em 1954. "Arte em revista" traz ainda textos básicos e polêmicos de Oscar Niemeyer, Sérgio Ferro, Rino Levi e Mário Pedrosa, este último comentando os resultados do Congresso Internacional de Críticos de Arte, reunido em Brasília, em 1959. Num momento em que a arquitetura brasileira "enfrenta uma verdadeira crise de redefinição", esgotada a sua fase áurea, a leitura de todos esses manifestos, depoimentos, análises, e debates de congressos e mesas-redondas, parece indispensável. A questão central que emerge é: "até onde a arquitetura brasileira, apesar de seu estilo próprio, de seus traços autóctones, corresponde de fato às condições geográficas, econômicas e sociais do Brasil?"

O ESTADO diário 2

O ESTADO - Florianópolis, 9/julho/89





O retrato de Bing Crosby, por Richard Hamilton

Popices do papa

Estrela maior da recém-terminada 20ª Bienal Internacional de São Paulo, o inglês Richard Hamilton já fazia arte pop seis anos antes de Andy Warhol mostrar ao mundo suas latas de sopa. Mas a trajetória de Hamilton não estacionou no movimento que revolucionou as artes entre os anos 50 e 60, como poderá ser visto na exposição que o Museu Nacional de Belas-Artes inaugura quinta com gravuras que abrangem de 1964 a 1980. Algumas das mais representativas obras de Ha-

milton estarão presentes, como *Picasso's meninas*, *My Marilyn*, *I'm dreaming of a black christmas* e *Thricromatic flower piece*.

O jogo de imagens constante nas gravuras de Hamilton exige do espectador sua cota de participação. Essa atitude (er)otiva do público diante da obra só é possível quando se está "consciente dos códigos e opções que estruturam a sua imagem", como explica Richard Field, curador da Galeria de Arte da Universidade de Yale.

Não por acaso o conceito de foco está estreitamente ligado ao trabalho de Hamilton. Assim como numa máquina é preciso ajustar continuamente a lente para captar sempre imagens nítidas, o espectador, ao olhar os objetos e imagens das obras de Hamilton, "deve poder mudar o seu próprio foco intelectual, para descobrir a lógica de cada um dos tópicos novos", nas palavras de Field. Um desafio permanente e estimulante.

MAURO VENTURA

Autógrafos

Uma noite com Ítala

Uma noite de autógrafos adequadamente avacalhada: às 20h desta quinta-feira, primeiro dia do mês do carnaval, Ítala Nandi lança seu livro *Teatro Oficina — onde a arte não dormia*, num coquetel sonorizado por ritmistas da Escola de Samba Mangueira do Amanhã. Tudo isso na livraria Avatar, numa rua do Humaitá que tem o nome impossível de militar e deus grego: General Dionísio, 47. O cenário carnavalesco tem tudo a ver com o belo livro de Ítala, musa dos irrequietos intelectuais paulistas que saudiram o teatro brasileiro há anos. A gaúcha e suas pernas



Ítala Nandi lança seu livro com show de samba

Outros

Luís Henrique Schwanke — Considerado um dos mais inventivos e originais artistas brasileiros pelo crítico Frederico Morais, o catarinense Schwanke mostra suas esculturas de plástico (com o uso de baldes, bacias, mangueiras, maletas 007 e galões de gasolina), ferro, madeira e concreto a partir de quinta na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Uma das obras — uma série de colunas de quatro metros de altura que consumiram 330 bacias de plástico — será montada na areia da Praia de Botafogo, perto do Morro da Viúva.

Doze Caminhos — A Galeria Montessanti-Roesler inaugura quinta exposição de desenhos e pinturas recém-incorporadas ao acervo de 12 artistas atuantes no Rio, como Alexandre DaCosta e Suzi Coralli.

Cleza Roxo — A artista expõe sexta na Avatar Cultura e Metafísica máscaras feitas de gesso, papel, vinil, massa e tinta acrílica.

Laura Vinci — Os sulcos e relevos verticais que compõem os quadros da artista estão a partir de quarta na Galeria Macunaima da Funarte.

famosas viveram tudo, dos exaltados laboratórios stanislavskianos ao sonho de promover uma revolução cultural enquanto a política ia pro brejo. Além de fazer um bom painel de época, Ítala se revela também um traço literário de graça insuspeitada.

Terça-feira, a partir das 20h, Fayga Ostrower na livraria Timbre, no Shopping da Gávea, loja 221, autografando *Acasos e criação artística*.

A jornalista Ruth Joffily lança *Marilyn Vails* — um trabalho sobre moda com coquetel na noite de terça-feira, na galeria de arte do Centro Cultural Cândido Mendes (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema).

ção e Reforma



Politintas
FERRAGENS E MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO LTDA

SOL É COR - COR É VIDA
"POLITINTAS - TEM TINTA PARA DAR MAIS VIDA"
"POLITINTAS" COM "P" DE
PREÇO POPULAR
ENTREGA A DOMICÍLIO
Rua Dias Ferreira, 420 - Lj. C - Tel. 294-4147 - Leblon-RJ

**BANCAS DE COZINHA
E LAVATÓRIOS**

A PARTIR DE	GRANITO	MÁRMORES
1,20 x 55	1.740,00	1.370,00
1,60 x 55	2.174,00	2.000,00
2,00 x 55	2.860,00	2.320,00

PROJETAMOS E EXECUTAMOS QUALQUER SERVIÇO DO RAMO
ORÇAMENTO E MEDIÇÃO S/COMPROMISSO



Formar
RUA LINO TEIXEIRA, 307
531-7845 ★ 531-5651

DI CARLO MATERIAIS DE
CONSTRUÇÃO LTDA

PROMOCÃO

Schwanke expõe seus utensílios no Parque Laje

Baldes, galões de plástico, mangueiras e outros objetos que parecem apenas utensílios domésticos ganham status de obras de arte quando passam pelas mãos do catarinense Luiz Henrique Schwanke, que expõe a partir de 1º de fevereiro na Escola de Artes Visuais do Parque Laje. As peças estarão ocupando as galerias, o pátio interno e os pilares das rampas de acesso à casa.

A escultura mais marcante é a série de torres de baldes plásticos encaixados uns sobre os outros que alcançam quatro metros de altura e serão instalados no terreno em torno da escola. De 29 de janeiro a 6 de fevereiro, a Praia de Botafogo

também abrigará o trabalho do artista. Lá, Schwanke instalará nove colunas de bacias de plástico colorido na areia, com o apoio da RioArte e da Riotur.

Schwanke já realizou exposições individuais em Curitiba, Florianópolis e São Paulo. Ele fez parte da representação brasileira na Bienal Latino-Americana de arte sobre papel. Entre 1977 e 1989 recebeu 26 prêmios, além de menções honrosas.

A exposição vai de 1º a 23 de fevereiro, sempre de segunda a sexta-feira, das 10h às 23h, e aos sábados e domingos, das 10h às 18h. A EAV fica na Rua Jardim Botânico 414, dentro do Parque Laje.

Virgínia mostra suas aquarelas brasileiras no Piccadilly Pub

Estarão expostas até 4 de março, no Piccadilly Pub, 14 aquarelas da artista plástica Virgínia. A exposição, chamada "Aquarelas do Brasil", é marcada por temas como flores, passa-

americana de Columbus, Georgia.

Como ela mesma define, o seu trabalho é fruto da observação que tem exercido durante suas viagens por todo o Brasil. As aqua-

e domingo, 19h30. *Sobremesa eletrônica Rio de memória*, de José Inácio Parente. A história do Rio através de fotografias e a história da fotografia no Brasil. Terça e quarta, 12h30 e 18h30. *Vinicius, os grandes shows*, quinta e sexta, 12h30 e 18h30, sábado e domingo, 18h00.

Ópera: A coroação de Popéia, de Claudio Monteverdi. Coro Glyndebourne e Orquestra Filarmônica de Londres, sob a regência de Raymond Leppard. legendas em inglês. Quarta, 15h00.

Sessão infantil: A bela adormecida, de Walt Disney; dublado. Sábado e domingo, 10h30.

Vinicius de Moraes — Meu tempo é quando, vídeo com roteiro e direção de Antônio Carlos Fontoura e fotografia de Tuca de Moraes. Narração de Hugo Carvana e Fernanda Torres. A trajetória de Vinicius é recriada com depoimentos, cartas, iconografia e outros materiais. De terça a domingo, 17h00 (exceto na quarta, 17h30). *Centro Cultural Banco do Brasil*, Rua 1º de Março, 66, fone 216-0414.

EXPOSIÇÕES

SÃO PAULO

Brasil, cenários e personagens — Sob orientação do crítico e historiador Boris Kóssov, foram reunidos trabalhos de 57 fotógrafos que procuram compor um perfil do país no final da década. *MASP*, Av. Paulista, 1.578, fone 851-5644. Até o dia 18.

Anita Maffatti — Em comemoração ao centenário da pioneira do modernismo no Brasil, a apresentação de trinta de suas mais representativas obras, além de uma série de fotos e objetos de uso pessoal. *MAC — Cidade Universitária*, fone 211-0011, ramais 558 e 559. Até final de fevereiro.

Piscina — Instalação de Sheila Goloborotko, que constitui uma piscina em tamanho natural na qual a água é representada por tiras de plástico. Também programada *Combogos, latas e sucatas*, trabalhos de artistas populares que se utilizam de materiais cotidianos, como cacos de cerâmica, latas da indústria alimentícia e tijolos (combogos). *MAC — Parque do Ibirapuera*, fone 571-9610. Até final de fevereiro.

Marcelo Krasilnic — Jovem fotógrafo, expõe doze trabalhos em preto-e-branco realizados em Portugal. Também programada: *Primeiras imagens em branco e preto*, com cerca de 170 trabalhos de 28 fotógrafos que participam do núcleo permanente de formação em linguagem fotográfica das Oficinas Culturais Três Rios. *Museu da Imagem e do Som*, Avenida Europa, 158, fone 852-9197. Até dia 28.

Arte Brasil 90 — Obras de artistas de várias tendências, que pretendem traçar um panorama de movimento artístico no país. Entre eles a paraense Dina Oliveira, o mineiro Mario Zavagli e o baiano Leonel Mattos. *Sadalia Galeria de Arte*, Rua Estados Unidos, 367, fone 887-1016. Até dia 28.

Armadilhas indígenas — Índios, ainda não contactados pela Funai, colocam pequenas armadilhas de madeira para furar os pneus dos caminhões que transportam madeira roubada de suas florestas. Vinte importantes artistas receberam essas peças e trabalharam sobre elas. O resultado são obras de Tomie Ohtake, Cildo Meirelles, Siron Franco e outros (ver matéria na página 28). *MASP*, Av. Paulista, 1.578, fone 251-5644. De terça até domingo (11).

Diana Dorothea Danon — Expõe desenhos e aquarelas que retratam aspectos da cidade de São Paulo, num trabalho de cunho documental. *Biblioteca Mario de Andrade*, Rua da Consolação, 94, fone 239-3459. De segunda até dia 28.

RIO DE JANEIRO

Retratos do Brasil — A oposição na República através da caricatura — Alguns dos mais importantes caricaturistas de todo o período republicano têm seus trabalhos expostos entre os 179 desenhos de nomes do passado como Angelo Agostini, K. Lixto e Stormi e contemporâneos como Millôr, Ziraldo e Chico Caruso. Os temas são essencialmente ligados à política. *Biblioteca Nacional*, Av. Rio Branco, 219, fone 240-8429. De quinta até 11/4.

Rodolfo Bernardelli — Exposição de esboços e estudos em gesso feitos pelo artista para a execução de monumentos públicos. *Museu Nacional de Belas-Artes*, Av. Rio Branco, 199, fone 240-0068. De quinta até 1/4.

Projeto Quatro Quadros — Brígida Baltar, Cristina Bahiense, Fernando Lopes e Marcia Ramos vão expor um quadro cada durante o período de um ano. O processo será documentado em vídeo. *Centro Cultural Cândido Mendes*, Rua Joana Angélica, 63, fone 267-7098. De segunda até 5/2/91.

Atelier de Litografia — Criado em 1983 em Porto Alegre, o MAM — Atelier de Litografia, por onde passaram artistas como Iberê Camargo e Carlos Schar, mostra agora aos cariocas a sua história e obras nesta exposição que fica aberta de segunda a sexta, das 12h00 às 17h45. Entrada grátis. *Museu Nacional de Belas Artes — Sala Carlos Oswald*, Rua Mexico, esquina com a Rua Heitor de Mello, Ate 6/4.

3º Salão Carioca de Humor — Onema artistas distribuídos em quatro núcleos: charge, cartum, caricatura e escultura. Paralelamente ao salão, Ziraldo faz uma retrospectiva em comemoração de seus quarenta anos de carreira. *Casa de Cultura Laura Alvim*, Av. Vieira Souto, 176, fone 227-2444. Até o dia 24.

Luiz Henrique Schwanke — Artista catariense, mostra esculturas em que utiliza utensílios de plástico como baldes, maletas e galões de gasolina. *Escola de Artes Visuais do Parque Lage*, Rua Jardim Botânico, 414. Até dia 23.

Laura Vinci — Exposição de quinze pinturas desta artista abstrata. *Galeria Macunaima/Funarte*, Rua Mexico esquina com Rua Araújo Porto Alegre, fone 297-6116. Até o dia 16.

CINEMA

Programação fornecida pelas empresas distribuidoras. Sujeita a alterações.

SÃO PAULO RIO DE JANEIRO

Entregas mortal ("The package"), EUA, 1989, de Andrew Davis. Um ataque terrorista está sendo preparado para impedir o acordo de desarmamento entre americanos e soviéticos, em Berlim. No elenco, Gene Hackman e Joanna Cassidy.

Em São Paulo: Olido 2, Liberty, Eldorado 1, Cal Center 1, Amor e Santana.

No Rio: Art-Casashopping 3. **Leviathan** ("Leviathan"), EUA, 1989, de George P. Cosmatos. Uma produção Dino Di Laurentis, bastante semelhante a *O segredo do Abismo* e *O abismo do terror* (uma

onda de filme de terror no fundo do mar). Desta vez, os pesquisadores de uma plataforma submarina encontram um navio soviético naufragado, o *Leviathan*. Entre os vários objetos recuperados, apanham uma garrafa de vodca, sem saber que ela contém elementos utilizados em pesquisas de mutação genética. Todos que a bebem vão se tornando homens-peixes. Estréia na quinta.

Em São Paulo: Marabá, Regina, Liberty, Gazeta, Iguatemi, Cal Center, Santo Amaro, Interlagos e Center Norte.

No Rio: Odeon, São Luis 1, Ópera, Roxy, Rio Sul, Barra 1, Carioca, Norte-Shopping, Madureira 2, Olaria, Niterói, D. Pedro e Paz Caxias.

Chuva negra ("Black rain"), EUA, 1989; de Ridley Scott. Policial nova-iorquino acusado de corrupção escolta perigoso mafioso japonês em sua extradição. Em Osaka, porém, o preso foge e inicia-se um embate entre o policial e a máfia japonesa. Com Michael Douglas.

Em São Paulo: Ipiranga 1, Metro 1, Astor, Gemini 2, Top Cine, Center Iguatemi 3, Ibirapuera 2, Morumbi 3, Lar Center 2, Interlagos 5 e Chaplin.

No Rio: Odeon, Carioca, Madureira 2, Norte-Shopping 1.

As aventuras de Erik, o viking ("Erik, the viking"), Inglaterra, 1989; de Terry Jones. Com Tim Robbins e Gary Cady.

Em São Paulo: Paulista 4, Olido 3, Cal Center 1 e Center Norte 1.

No Rio: Art-Fashion Mall 1, Art-Casashopping 1 e Studio Paissandu.

Quêrda, encolhi as crianças ("Honey, I shrunk the kids"), EUA, 1989; de Joe Johnston. Comédia. Com Rick Moranis. Também no programa o desenho animado *Encrenca no hospital*, com os personagens Roger Rabbit e Baby Herman.

Em São Paulo: Gazetinha, Eldorado 3, Center Norte 2, Pompéia Nobre 1, Paramount 4, Interlagos 1, Bristol, Olido 1, Iguatemi e Cal Center.

No Rio: Palácio 1, São Luis 2, Ópera 1, Copacabana, Leblon 1, Tijuca 1 e Barra 3.

Bagdad Café ("Bagdad Café"), Alemanha Ocidental, 1987; de Percy Adlon. Viajante alemã-ocidental hospeda-se temporariamente num café de beira de estrada, em pleno deserto americano. Sua presença acaba influenciando a vida de todos os habitantes daquela localidade. No elenco, Marianne Sägebrecht, Carol Christine Hilaria Pounder e Jack Palance.

Em São Paulo: Morumbi 4, Belas-Artes — Sala Villa-Iobos, Biarritz, Metrôpole e Ibirapuera 3.

No Rio: Veneza. **Sexo, mentiras e videotape** ("Sex, lies and videotape"), EUA, 1989; de Steven Soderbergh. Com James Spader, Peter Gallagher e Andie MacDowell.

Em São Paulo: Paulista 1. No Rio: Art-Fashion Mall 3 e Ricamar. **A insustentável leveza do ser** ("The unbearable lightness of being"), EUA/França, 1988; de Philip Kaufman.

Em São Paulo: Belas-Artes — Sala Aleiadinho e Morumbi 6.

No Rio: Cinema 1. **De volta para o futuro — Parte II** ("Back to the future — Part II"), EUA, 1989; de Robert Zemeckis. Com Michael J. Fox e Lea Thompson.

Em São Paulo: Comodoro, Center Iguatemi 2, Ibirapuera 1, Morumbi 1, Lar Center 1, Majestic, Studio Alvorada 1 e Interlagos 6.

No Rio: Largo do Machado 2.

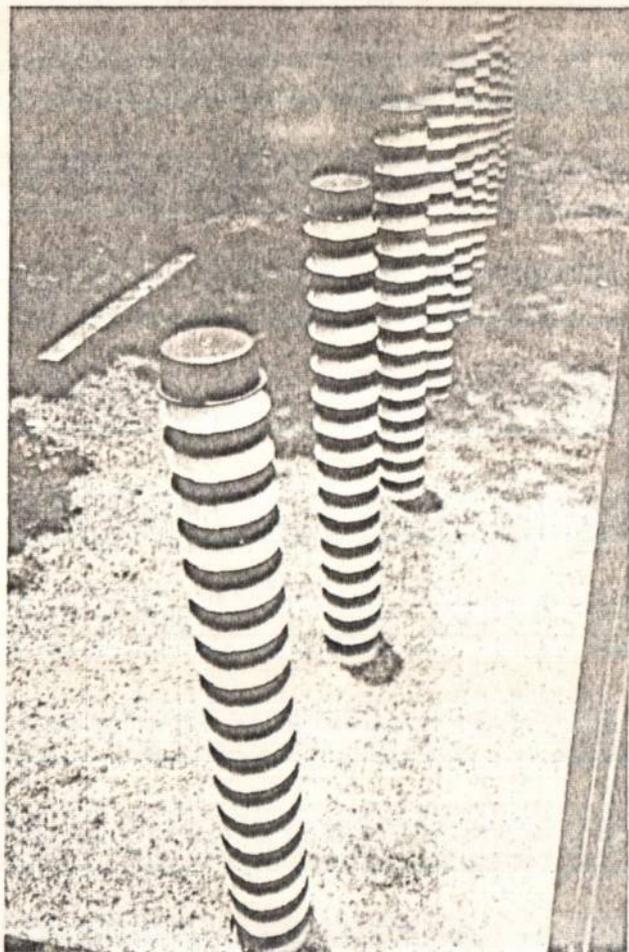
Protesto e anticlichê

WALMIR AYALA

Um dos delfins da arte catarinense, o joinvilense Luiz Henrique Schwanke, inaugura, no próximo dia 1º, uma individual de esculturas na Escola de Artes Visuais (Parque Lage). Schwanke é um homem simples, levemente irônico e absolutamente seguro de cada etapa de seu trabalho, que assume uma progressão inquietante dentro das diretrizes lançadas irreversivelmente pelo modernismo. Cubismo, Duchamp, quem sabe?, frisos egípcios, Schwanke está aí, propondo o que Frederico Morais rotula com muita propriedade de um pop-constructivista.

O primeiro impacto que tive com a obra de Schwanke foram as caras com língua de fora. A repetição, como de uma logomarca espontânea, era inquietante. Realizava, antes de tudo, a integridade formal do quadro, enquanto obra de arte, ou seja, havia uma intenção estética, equilibrando a crítica. Muita coisa foi aplicada àqueles anticlichês, sobretudo no plano do protesto aos descalabros sociais, e isto é de se entender quando a opressão nos induz à autodefesa.

Acredito que as caras repetidas, sequenciais, lineares em seu posicionamento, debochadas, de uma sensualidade caricata, testemu-



Escultura de Schwanke na Escola de Artes Visuais

nhem sobre a frivolidade perigosa da cultura popular imposta pelo colonialismo do poder. O homem contemporâneo tende, numa proporção considerável, a repetir o "sucesso" importado. Schwanke denuncia isto com uma dose consciente de inocência (que vem do componente elementar, primitivo, inconsciente). Felizmente ainda não temos sopa em lata, e

outro dia eu vi um computador destrambelado, enlouquecendo usuários que esperavam dele uma resposta rápida e perfeita!

Disse e repito "só a morte é perfeita!". Há muito de índio nesta ironia de Schwanke, graças a Deus! Depois vi os jornais com suporte dos mesmos biótipos, e o que me fascinava era o exercício plástico do

gesto e dos recursos plásticos. Schwanke crescia no meu conceito! Os trabalhos com vasilhame de plástico eu vi em Joinville; acho que estavam no começo! Eram instigantes, me desorientavam no primeiro impacto, depois se recompunham como possibilidade de se montar ainda uma vez uma coluna que não fosse nem Partenon nem Niemeyer, e que esta nova coluna mexesse dramaticamente com as nossas opções.

Afinal, está comprovado que o plástico é uma das pestes do nosso tempo, não só pela feiura como pelo perigo, já que ainda não se encontrou forma de destruir sua sucata! É mais ou menos como a Aids, e como a Aids está sendo perseguida nos laboratórios, é possível que se encontre uma forma de dissolver o plástico. E se isto acontecer será certamente façanha de japoneses. Não estou brincando: há anos cientistas europeus se reúnem para tratar do assunto, sem maiores resultados. Então Schwanke adota estes seres malignos para um futuro perverso, e os "constrói" e lança uma ideologia da banalidade, como borduna do índio na cabeça do sábio.

Acho importante a presença de Schwanke no Rio de Janeiro, e a discussão que possivelmente implante a partir de suas "esculturas". Se não houver reflexão tudo está perdido.

Boa resposta

No dia 7 de janeiro es-

crevi nesta coluna uma nota com o título SOS MAC, entrando no coro dos que pediam socorro pelo Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, necessitado de urgentes providências de restauração e construção de uma sede à altura do acervo de que dispõe. Somos um País surrealista, e por mais que os absurdos aconteçam sempre consigo me sensibilizar com as contradições. Lá está em Brasília o Bolo de Noiva e outros "bolos", num dispêndio faraônico de verbas, numa ostentação de luxo agressiva, enquanto um museu como o MAC agoniza. Nunca tem verba para a cultura, e tudo ficou muito pior quando decidiram separar a Cultura da Educação, em nível de Ministério, o que o Presidente eleito Collor de Mello prometeu corrigir.

Já estão vendo que estou a favor da refusão, e que isto torne mais generoso o olhar em direção à cultura. Mas o caso MAC nos conforta. A soma de protestos na imprensa, e de pedidos de apoio, encontrou imediata ressonância. No próximo dia 30, o reitor da Universidade de São Paulo, Roberto Leal Lobo e Silva Filho, e o presidente da Golden Cross, Milton Soldani Afonso, assinam um acordo de cooperação para patrocínio de uma campanha publicitária destinada a obter recursos para a conclusão das obras da sede definitiva do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. Aplausos para a Golden Cross, que já apresentou

um plano concreto em seu acordo de cooperação, e que certamente servirá para sensibilizar outros empresários a entrar nesta guerra santa. São sinais de novos tempos.

Novos novos 90

A galeria do Centro Empresarial Rio inaugurou uma exposição com 16 artistas de diversas procedências, a maioria entre os 20 e 25 anos, com o responsável veredito de serem novos. Peia idade, todos realmente são. Pelas obras, veremos. Acho perigosa esta afirmação do novo, pois cada vez mais o novo de hoje se apresenta atropelando o novo de ontem, e os neo neo neo embasacam a crítica, e muitas vezes ridicularizam a História. Mas é preciso arriscar, e ter audácia, e abrir frentes para que estes possíveis novos consigam entrar na linha para serem, amanhã, possivelmente bons.

É o máximo que lhes será exigido, e no transe desta vida breve certamente um triunfo. Os novos novos 90, que têm curadoria do experiente Ascânio MMM e de Ronaldo do Rêgo Macedo, são: Júlio Castro, Gabriela Machado, Regina Leite, Aloma Romariz, Rosane Catanhede, Rosana Palazzan, Juliano Guilherme, Márcia Thompson, Jefferson Svoboda, Adriano Pedrosa, Amal Saadé, Imaculada Conceição, Suzana Spadaccini, Tatiana Grinberg, Mônica Severo, Leonardo Tepedino. Endereço da galeria: Praia de Botafogo 228.

Schwanke mostra esculturas com baldes, bacias e mangueiras

Mundo dos plásticos

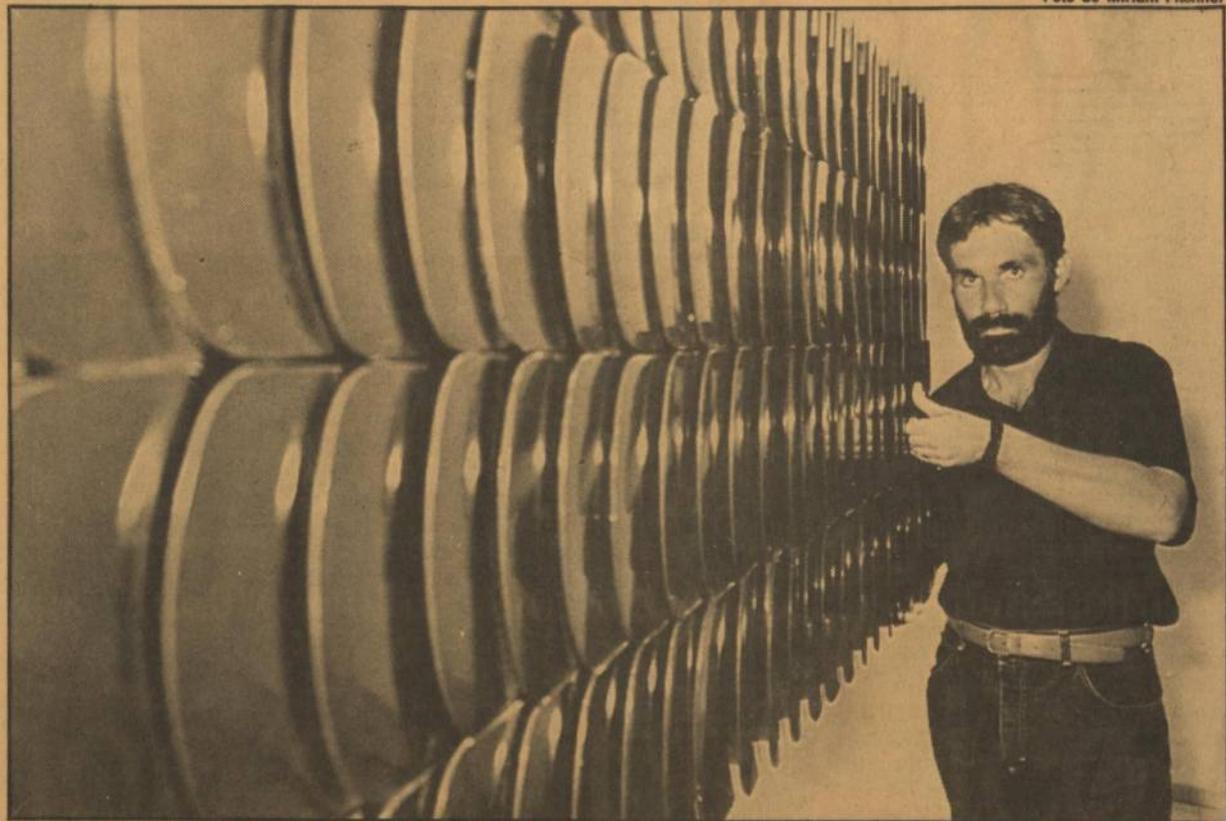
CARLA LENCASTRE

Foto de Miriam Fitchner

Schwanke reclama, diz que não pode mexer, mas não adianta: é só o artista dar as costas que as crianças que participam da colônia de férias do Parque Lage tentam escalar as colunas formadas por bacias de plástico vermelho empilhadas em volta da piscina no pátio interno da Escola de Artes Visuais (EAV). Com o mesmo olhar irônico, Luiz Henrique Schwanke também empilhou baldes, enrolou mangueiras de regar jardim e emparelhou suportes de mangueiras, galões de água e maletas 007, tudo de plástico. Essas esculturas de objetos de uso diário podem ser vistas, a partir de hoje, nas galerias da EAV e nos pilares das rampas de acesso à Escola. E as 320 bacias em volta da piscina estão divididas em pilhas de dez que contrastam com as colunas de sustentação da EAV.

A exposição foi proposta ao Diretor da EAV, Luiz Aquila, pelo crítico Frederico Moraes, que acompanha o trabalho do escultor catarinense desde 1980, quando Schwanke fez sua primeira individual no Rio, na Galeria Sérgio Milliet da Funarte. E Frederico Moraes apresenta o artista no catálogo da exposição da EAV: "Schwanke é um dos mais inventivos e originais artistas brasileiros. (...) Em seus trabalhos mais recentes, que revelam, no artista, uma vontade construtiva, ele retoma questões abandonadas pela **pop art** e pelo Novo Realismo e se aproxima de outras, colocadas pela nova geometria e o Simulacionismo."

O primeiro contato de Schwanke com a EAV foi há dois anos, quando recebeu menção especial do júri da I Bienal de Escultura ao Ar Livre, que seria realizada no Parque, e acabou não acontecendo. Mas agora essa escultura está em frente à gruta do Parque Lage. Schwanke levou um dia para montar as sete colunas de quatro metros de altura, com 33 baldes sem alça em cada uma. As colunas conseguem se manter de pé, resistentes ao vento e às crianças,



Schwanke se tornou conhecido desenhando em folhas de jornal; agora, usa objetos de plástico e retoma a pop art

graças a um cano de ferro de cinco metros de comprimento, que passa no meio dos baldes e bacias.

Schwanke começou fazendo desenhos com tinta guache em folhas de jornal — os "perfis de língua de fora". São esses trabalhos que ele vende. "Ainda não conversei com meu **marchand** sobre os preços das esculturas de plástico", diz. O interesse pelo plástico começou quando ele resolveu fazer as línguas com garrafas de água mineral. Daí para as frutas de plástico foi um passo.

— Fiz muitas peças com frutas, explorando as cores do plástico, que é um material especial, opaco, mas lu-

zidio. Até que descobri baldes e bacias, que têm um grande potencial artístico — conta Schwanke.

Ontem à tarde, Schwanke montou ainda nove colunas de bacias brancas e vermelhas intercaladas na areia da Praia de Botafogo, mas elas só ficarão lá durante uma semana. "São NCZ\$ 19 mil só para pagar o guarda", comenta o artista, nascido em Joinville, onde voltou a morar há seis anos, depois de um tempo em Curitiba. Com o patrocínio de US\$ 10 mil (NCZ\$ 370 mil, pelo câmbio paralelo) do Grupo Cipla, Schwanke pôde trazer uma tonelada e meia de ferro

e plástico para montar no Rio esta exposição, que já esteve no Museu de Arte de Joinville. Mas o maior trabalho de Schwanke não foi embalar o material para transporte, e sim arrumar seis pessoas para passar uma semana lavando os baldes no jardim de sua casa em Joinville.

■ **LUIZ HENRIQUE SCHWANKE** — Esculturas. Na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (Rua Jardim Botânico 414 — 226-9624). De segunda a sexta, das 10h às 21h. Sábados e domingos, das 10h às 18h. Até dia 23. Abertura hoje, às 19h.

ZLC Consultores, apenas presta serviços à empresa da superassessora Zélia Cardoso de Mello.

O verdadeiro L é o empresário Lélío Ravagnani Filho.

Fisiologismo

O reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Horácio Macedo, está encontrando resistência dentro do PCB para sair candidato a deputado federal pelo partido.

Macedo é tido dentro do próprio *Partidão* como um dos ideólogos do fisiologismo de esquerda, pela quantidade de gente que empregou na UFRJ.

Programa

O presidente eleito, Fernando Collor de Mello, gravou na tarde de quinta-feira, em Nova Iorque, o pronunciamento que fará no programa do PRN que irá ao ar, em cadeia de rádio e televisão, no dia 1º de fevereiro.

No restaurante do Hotel Waldorf Astoria, onde está hospedado com sua comitiva, Collor falou — sobre o tratamento que dará à dívida externa — para a equipe da produtora do Sistema Salesiano de Vídeo, comandada pelo deputado e jornalista Hélio Costa e pelo presidente do PRN, Daniel Tourinho, logo depois do almoço que teve com mais de 600 empresários americanos.

No discurso, o presidente eleito faz referência também à "liberdade que toma conta do Leste europeu". Para ilustrar essa parte do pronunciamento, Daniel Tourinho, Hélio Costa e o

PTB vetou a sua reentrada no partido.

Magalhães, que saiu do PFL, ingressou no PTB, desfilou-se e acabou candidato a vice-presidente pelo PSDB durante 20 dias, quando voltou atrás e ficou sem partido.

Não gostou, nem poderia, das alegações dadas à sucursal de um jornal em Recife pelo presidente do PTB, Paiva Muniz.

Disse Muniz:

— Não temos lugar para uma pessoa como ele, que entra e sai, usando o partido como se fosse motel.

Lazer

O prefeito petista da capital, Olívio Dutra, está na praia gaúcha de Rainha do Mar, aproveitando de forma *espartana* três dos 18 dias de suas férias.

Está hospedado na colônia de férias do Banco do Estado do Rio Grande do Sul, do qual é funcionário licenciado. Paga uma diária de NCz\$ 219,00 por um quarto com direito a três refeições.

O lazer termina hoje, quando segue a São Paulo para uma reunião da direção nacional do PT.

Os próximos

O Espaço Jockey Club Brasileiro — um novo espaço com três mil lugares para apresentações ao ar livre, que será inaugurado por Tom Jobim terça-feira — já agendou suas próximas atrações.

O guitarrista Pat Metheny, em março, a Orquestra Filarmônica de Moscou, em abril, e Milton Nascimento, ainda sem data definida.

Lance-livre

● O PCB vai realizar prévias eleitorais para escolher seus candidatos a cargos majoritários na Bahia. As prévias serão dia 25 de março, quando o *Partidão* comemora 68 anos de existência.

● O baixista Cass Lewis e o guitarrista Jerod Minnie, que tocam com Terence Trent D'Arby, passaram a tarde de quinta-feira no Afonjá Studio, especializado em cabelos afro. Adeptos da seita rastafari, que proíbe cortar e pentear os cabelos, eles fizeram uma massagem à base de ervas, preparando-se para o show de ontem no Hollywood Rock, no Rio.

● O Hospital de Traumatologia-Ortopedia do Inamps, no Rio, onde foi realizado o primeiro transplante ósseo de fêmur do Brasil, ganhou ontem do Banco Primus de Investimento um freezer industrial para guardar ossos a 80 graus negativos, para futuros transplantes. Esta era uma batalha antiga do médico Sergio

Rudge, que realizou o transplante.

● A secretária estadual de Educação do Rio, Fátima Cunha, começou esta semana a fazer o *remanejamento de professores* excedentes em escolas, transferindo-os para a Baixada Fluminense, e suspendeu os pedidos de licença-prêmio e de professores à disposição de outros órgãos. A ordem é não ficar nenhum professor fora de sala de aula.

● O ator Jorge Creso, 34 anos — o Joffre, da Kananga do Japão, da TV Manchete —, transformou-se no carnaval carioca num requisitado artista plástico. Sua especialidade é escultura e modelagem em espuma e, este ano, ele faz trabalhos para a Unidos de Vila Isabel, a Unidos de Santa Cruz e a São Clemente.

● O RioArte está inovando. Vai levar esculturas para as ruas, praias e parques da cidade do Rio. A primeira exposição do projeto

RioArte, exposição na rua será a do artista plástico Luiz Henrique Swanke, dia 1º, na Praia de Botafogo.

● Dentro da nova política de instalação de empresas estrangeiras em Angola, uma missão do Ministério dos Transportes e Comunicações esteve ontem na Associação Brasileira dos Consultores de Engenharia, no Rio. Foram pedir assessoramento na execução do Plano Nacional de Transportes de seu país.

● Está na mesa do governador Moreira Franco o convênio que o Estado do Rio vai assinar com a IBM para a instalação de terminais de computador na entrada da Biblioteca Pública do Estado. Informarão o público sobre assuntos de interesse comunitário, tais como postos de saúde e renovação de carteiras de trabalho.

● Faltam 48 dias para o ministro Roberto Cardoso Alves deixar o governo

HOJE — 23:30h

GENT

Canal 9 —

"P'RA OND

I.P.T.U — Camelot
Turismo — Fe

VEJA E

INFOR
S I N D I

Quem li
humana
com um

Assinaturas: (

JORNAL I

Áreas de C

Rio de Janeiro Noticiário (021)
Classificados (

São Paulo (011) 284-8133
Brasília (061) 223-5888

Classificados por telefone
Rio de Janeiro (021) 580-5522
Outras Praças (021) 800-4613
Avisos Religiosos e Fúnebr
Tels. (021) 585-4320 (021) 1

Su

Brasília Setor Comercial Su
Denasa, 2º andar CEP 70302
(061) 1 011

São Paulo Avenida Paulista,
Paulo, SP telefone (011) 28
(011) 23 038

Minas Gerais Av Afonso Pe
B Horizonte MG telefone (1
R. G. do Sul Rua Tenente-C
Sta Teresa CEP 90640 f
33-3711 (PBX) telex (0512) 1

Bahia Rua Conde Pereira Ct
CEP 41100 telefone (071) 24

Preços das Assinaturas (d

Entrega Domiciliar
Rio de Janeiro
Minas Gerais/Espírito Santo/Sa
Goiânia/Salvador/Maceió/Ca Curitiba/Florianópolis/Porto J Campo Grande (7) Brasil
Recife/Fortaleza/Teresin Natal João Pessoa/São Lu
Camagari-BA
Manaus
Para/Rondônia
Entrega postal em todo o território

*) No caso específico de Brasília

Ancelmo Gois, com sucursais

ROTEIRO DA SEMANA / Artes plásticas



O retrato de Bing Crosby, por Richard Hamilton

Outros

Luiz Henrique Schwanke — Considerado um dos mais inventivos e originais artistas brasileiros pelo crítico Frederico Morais, o catarinense Schwanke mostra suas esculturas de plástico (com o uso de baldes, bacias, mangueiras, maletas 007 e galões de gasolina), ferro, madeira e concreto a partir de quinta na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Uma das obras — uma série de colunas de quatro metros de altura que consumiram 330 bacias de plástico — será montada na areia da Praia de Botafogo, perto do Morro da Viúva.

Doze Caminhos — A Galeria Montezanti-Roesler inaugura quinta exposição de desenhos e pinturas recém-incorporadas ao acervo de 12 artistas atuantes no Rio, como Alexandre DaCosta e Suzi Coralli.

Çiça Roxo — A artista expõe sexta na Avatar Cultura e Metafísica máscaras feitas de gesso, papel, vinil, massa e tinta acrílica.

Laura Vinci — Os sulcos e relevos verticais que compõem os quadros da artista estão a partir de quarta na Galeria Macunaima da Funarte.

Popices do papa

Estrela maior da recém-terminada 20ª Bienal Internacional de São Paulo, o inglês Richard Hamilton já fazia arte pop seis anos antes de Andy Warhol mostrar ao mundo suas latas de sopa. Mas a trajetória de Hamilton não estacionou no movimento que revolucionou as artes entre os anos 50 e 60, como poderá ser visto na exposição que o Museu Nacional de Belas-Artes inaugura quinta com gravuras que abrangem de 1964 a 1980. Algumas das mais representativas obras de Ha-

milton estarão presentes, como *Picasso's meninas*, *My Marilyn*, *I'm dreaming of a black christmas* e *Thricromatic flower piece*.

O jogo de imagens constante nas gravuras de Hamilton exige do espectador sua cota de participação. Essa atitude (criativa do público diante da obra só é possível quando se está "consciente dos códigos e opções que estruturam a sua imagem", como explica Richard Field, curador da Galeria de Arte da Universidade de Yale.

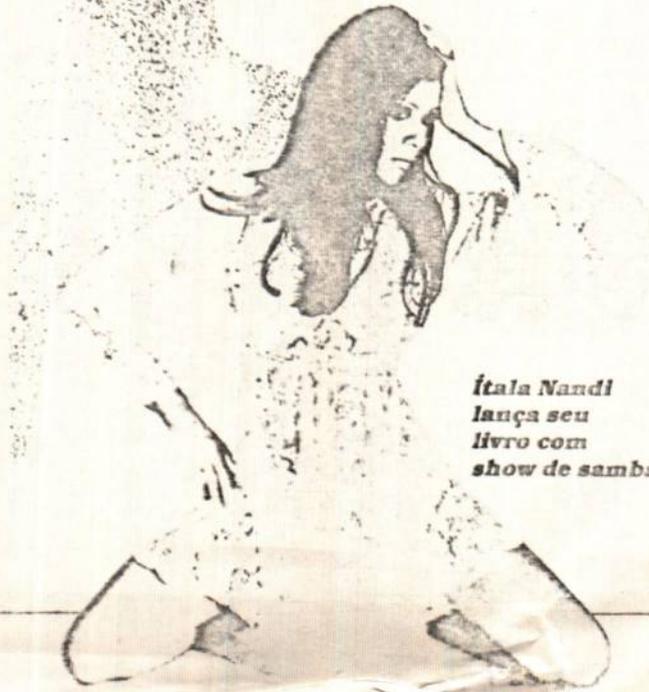
Não por acaso o conceito de foco está estreitamente ligado ao trabalho de Hamilton. Assim como numa máquina é preciso ajustar continuamente a lente para captar sempre imagens nítidas, o espectador, ao olhar os objetos e imagens das obras de Hamilton, "deve poder mudar o seu próprio foco intelectual, para descobrir a lógica de cada um dos tópicos novos", nas palavras de Field. Um desafio permanente e estimulante.

MAURO VENTURA

Autógrafos

Uma noite com Ítala

Uma noite de autógrafos adequadamente avacalhada: às 20h desta quinta-feira, primeiro dia do mês do carnaval, Ítala Nandi lança seu livro *Teatro Oficina — onde a arte não dormia*, num coquetel sonorizado por ritmistas da Escola de Samba Mangueira do Amanhã. Tudo isso na livraria Avatar, numa rua do Humaitá que tem o nome impossível de militar e deus grego: General Dionísio, 47. O cenário carnavalesco tem tudo a ver com o belo livro de Ítala, musa dos irrequeitos intelectuais paulistas que sacudiram o teatro brasileiro há anos. A gaúcha e suas pernas



Ítala Nandi lança seu livro com show de samba

famosas viveram tudo, dos exaltados laboratórios stanislavskianos ao sonho de promover uma revolução cultural enquanto a política ia pro brejo. Além de fazer um bom painel de época, Ítala se revela também um traço literário de graça insuspeitada.

Terça-feira, a partir das 20h, Fayga Ostrower na livraria Timbre, no Shopping da Gávea, loja 221, autografando *Acasos e criação artística*.

A jornalista Ruth Joffily lança *Marilyn Valls — um trabalho sobre moda* com coquetel na noite de terça-feira, na galeria de arte Jo Centro Cultural Cândido Mendes (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema).



Luiz Henrique Schwanke utiliza objetos simples, retirados do cotidiano, em seu trabalho

a de fora. "O esgotando. Em mecei a trabâ- as de línguas rafas plásticas papel machê. pois, coloquei o enfileiradas. a, a cor viva do artista.

estéticas de Schwanke levou a adotar formas de grande dimensão. Foi nessa ocasião — início de 89 —, que ele foi selecionado para a natimorta I Bienal de Escultura do Rio de Janeiro. Como é sabido, o evento não aconteceu, mas ofereceu a oportunidade para o artista exibir seu trabalho no local. Para isso, ele contou com o apoio da Escola de Artes Visuais e o patrimônio do Grupo Cipla,

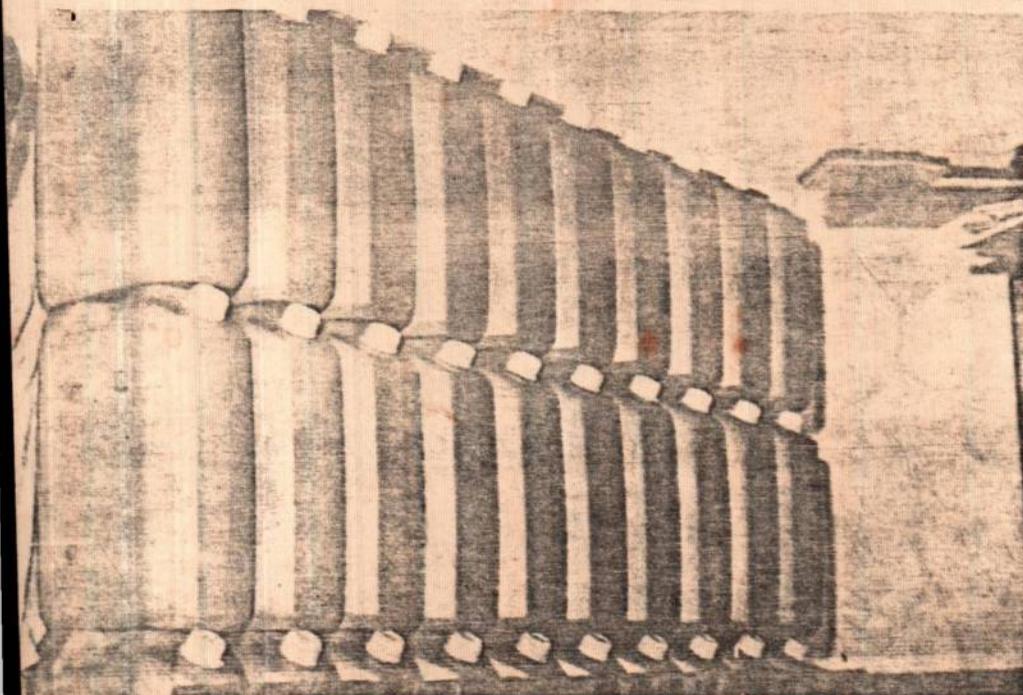
uma empresa catarinense que produz utensílios plásticos.

Os trabalhos de Schwanke vão estar espalhados em todas as salas da casa do Parque Lage. Na área interna, ao lado da piscina, ficará a maior de todas as instalações: uma série de cinco colunas de baldes vermelhos enfileirados. É o artista que explica: "Procurei causar um impacto de contraste, ao mesmo tempo que estabeleço

relações com as colunas de sustentação da estrutura do prédio com as colunas vermelhas. Há também uma relação de humor entre os baldes e a piscina. De certa forma também pensei nesse espaço como o cenário dos filmes "Terra e transe", de Gláuber Rocha e "Macunaina", de Joaquim Pedro de Andrade".

Atualmente, a obra do artista manifesta, em sua unicidade oromática, influências minimalistas. Já os efeitos visuais do monocromatismo de sua obra, por sua vez, denotam traços da Optical art a preocupação de Schwanke na utilização dos meios para produzir sua arte poderia também caracterizá-lo como um "materiaalista". Da mesma forma, o artista cita em seu trabalho marcas artísticas mais arcaicas. "Senti a influência das colunas listradas das catedrais góticas de Siena e Pisa, da arquitetura árabe que usa muito o vermelho e branco. Além de certos aspectos da arte barroca como o ornamento, as cores etc", define. O conjunto dessas influências, entretanto, ressaltam em Schwanke a sua singularidade: "nunca fui servil às escolas", ele confessa.

A exposição do escultor poderá ser visitada até o dia 23 de fevereiro, de segunda a sexta, de 10 às 21h; sábados e domingos de 10 às 18h.



suas esculturas

Tirando arte do cotidiano

O escultor Luiz Henrique Schwanke inaugura dia 1.º sua exposição no Parque Lage, onde objetos do cotidiano se transformam em arte

ARTUR ARAÚJO
da reportagem de UH Revista

Descontextualizar os objetos industriais do mundo cotidiano, explorar o potencial estético de materiais como o ferro e, principalmente, o plástico, estas são as principais questões artísticas do escultor Luiz Henrique Schwanke, que inaugura dia 1.º, às 19h, no Parque Lage, a sua exposição individual. Outro trabalho do artista, uma série de colunas de baldes plásticos vermelhos e brancos, está exposto na Praia de Botafogo.

As esculturas de Schwanke se caracterizam pelo humor e pela abordagem conceitual. Não que o artista pertença a esta última tendência estética, mas suas obras têm a marca da ironia na utilização dos materiais e na descontextualização dos objetos, características típicas do conceitualismo. "As pessoas vivem com muitas formas no seu cotidiano. Meus trabalhos mexem com esses elementos", acrescenta Schwanke.

Os trabalhos que ele vai colocar nesta mostra são reproduções seriadas de matérias plásticas. "Gosto muito das cores vivas dos produtos de plástico e a textura cerosa é também muito atrativa visualmente. Além disso, acho que o plástico tem uma característica cômica", declara.

Luiz Henrique Schwanke começou sua carreira artística em 78. E desde o início optou por trabalhar com a herança da tradição mais

iconoclasta das artes plásticas. Sua primeira exposição foi uma homenagem à obra de Duchamp, um dos criadores do dadaísmo e seus primeiros trabalhos manifestavam influência dessa escola, de pop art e do conceitualismo. O desenvolvimento das questões em sua obra levou-o ao neo-expressionismo, manifestado em 1980, quando produziu diversas garatujas representando rostos

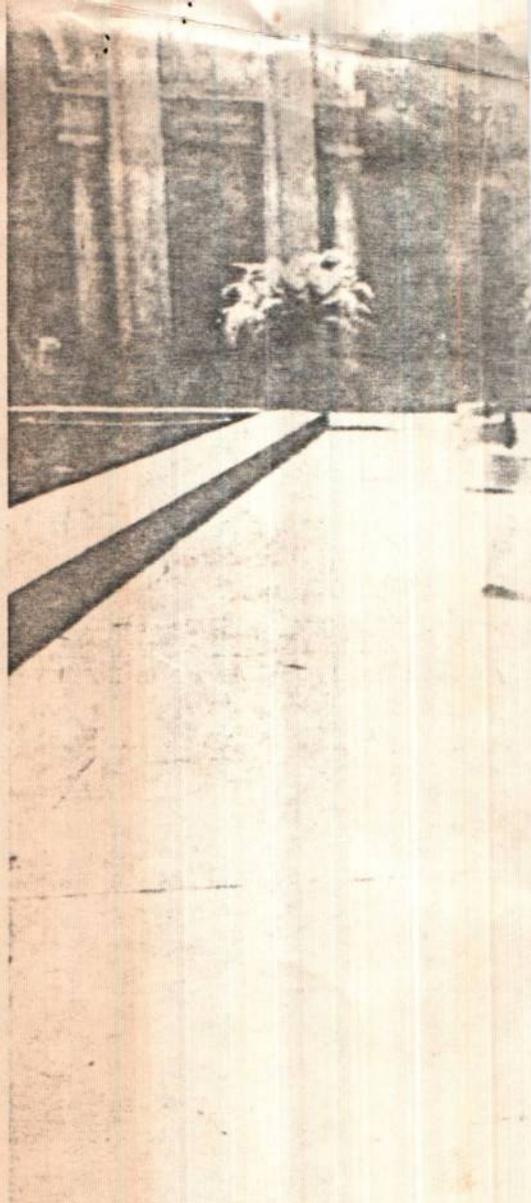
humanos de língua de fora. "O tema terminou se esgotando. Em 86, entretanto, comecei a trabalhar com estruturas de línguas formadas por garrafas plásticas de água mineral e papel machê. Algum tempo depois, coloquei garrafas de plástico enfileiradas, explorando a beleza, a cor viva do material", define o artista.

O desenvolvimento das questões

estéticas de Schwanke adotou formas de expressão. Foi nessa ocasião de 89 —, que ele foi a natimorta I Bienal do Rio de Janeiro, o evento não ofereceu a oportunidade ao artista de exibir seu trabalho. Para isso, ele recebeu o apoio da Escola de Artes e Ofícios do patrimônio do



O artista explora as cores vivas e a textura do plástico em suas esculturas



O escultor Luiz Henrique Schwanke utiliza objetos

ZLC Consultores, apenas presta serviços à empresa da superassessora Zélia Cardoso de Mello.

O verdadeiro L é o empresário Lélío Ravagnani Filho.

Fisiologismo

O reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Horácio Macedo, está encontrando resistência dentro do PCB para sair candidato a deputado federal pelo partido.

Macedo é tido dentro do próprio *Partidão* como um dos ideólogos do fisiologismo de esquerda, pela quantidade de gente que empregou na UFRJ.

Programa

O presidente eleito, Fernando Collor de Mello, gravou na tarde de quinta-feira, em Nova Iorque, o pronunciamento que fará no programa do PRN que irá ao ar, em cadeia de rádio e televisão, no dia 1º de fevereiro.

No restaurante do Hotel Waldorf Astoria, onde está hospedado com sua comitiva, Collor falou — sobre o tratamento que dará à dívida externa — para a equipe da produtora do Sistema Salesiano de Vídeo, comandada pelo deputado e jornalista Hélio Costa e pelo presidente do PRN, Daniel Tourinho, logo depois do almoço que teve com mais de 600 empresários americanos.

No discurso, o presidente eleito faz referência também à "liberdade que toma conta do Leste europeu". Para ilustrar essa parte do pronunciamento, Daniel Tourinho, Hélio Costa e o

PTB vetou a sua recandidatura no partido.

Magalhães, que saiu do PFL, ingressou no PTB, desfilou-se e acabou candidato a vice-presidente pelo PSDB durante 20 dias, quando voltou atrás e ficou sem partido.

Não gostou, nem poderia, das alegações dadas à sucursal de um jornal em Recife pelo presidente do PTB, Paiva Muniz.

Disse Muniz:

— Não temos lugar para uma pessoa como ele, que entra e sai, usando o partido como se fosse motel.

Lazer

O prefeito petista da capital, Olívio Dutra, está na praia gaúcha de Rainha do Mar, aproveitando de forma *espartana* três dos 18 dias de suas férias.

Está hospedado na colônia de férias do Banco do Estado do Rio Grande do Sul, do qual é funcionário licenciado. Paga uma diária de NCz\$ 219,00 por um quarto com direito a três refeições.

O lazer termina hoje, quando segue a São Paulo para uma reunião da direção nacional do PT.

Os próximos

O Espaço Jockey Club Brasileiro — um novo espaço com três mil lugares para apresentações ao ar livre, que será inaugurado por Tom Jobim terça-feira — já agendou suas próximas atrações.

O guitarrista Pat Metheny, em março, a Orquestra Filarmônica de Moscou, em abril, e Milton Nascimento, ainda sem data definida.

Lance-livre

● O PCB vai realizar prévias eleitorais para escolher seus candidatos a cargos majoritários na Bahia. As prévias serão dia 25 de março, quando o *Partidão* comemora 68 anos de existência.

● O baixista Cass Lewis e o guitarrista Jerod Minnie, que tocam com Terence Trent D'Arby, passaram a tarde de quinta-feira no Afonjá Studio, especializado em cabelos afro. Adeptos da seita rastafari, que proíbe cortar e pentear os cabelos, eles fizeram uma massagem à base de ervas, preparando-se para o show de ontem no Hollywood Rock, no Rio.

● O Hospital de Traumatologia-Ortopedia do Inamps, no Rio, onde foi realizado o primeiro transplante ósseo de fêmur do Brasil, ganhou ontem do Banco Primus de Investimento um freezer industrial para guardar ossos a 80 graus negativos, para futuros transplantes. Esta era uma batilha antiga do médico Sergio

Rudge, que realizou o transplante.

● A secretária estadual de Educação do Rio, Fátima Cunha, começou esta semana a fazer o *remanejamento de professores* excedentes em escolas, transferindo-os para a Baixada Fluminense, e suspendeu os pedidos de licença-prêmio e de professores à disposição de outros órgãos. A ordem é não ficar nenhum professor fora de sala de aula.

● O ator Jorge Creso, 34 anos — o Jofre, da *Kananga do Japão*, da TV Manchete —, transformase no carnaval carioca num requisitado artista plástico. Sua especialidade é escultura e modelagem em espuma e, este ano, ele faz trabalhos para a Unidos de Vila Isabel, a Unidos de Santa Cruz e a São Clemente.

● O RioArte está inovando. Vai levar esculturas para as ruas, praias e parques da cidade do Rio. A primeira exposição do projeto

RioArte, exposição na rua será a do artista plástico Luiz Henrique Swanke, dia 1º, na Praia de Botafogo.

● Dentro da nova política de instalação de empresas estrangeiras em Angola, uma missão do Ministério dos Transportes e Comunicações esteve ontem na Associação Brasileira dos Consultores de Engenharia, no Rio. Foram pedir assessoramento na execução do Plano Nacional de Transportes de seu país.

● Está na mesa do governador Moreira Franco o convênio que o Estado do Rio vai assinar com a IBM para a instalação de terminais de computador na entrada da Biblioteca Pública do Estado. Informarão o público sobre assuntos de interesse comunitário, tais como postos de saúde e renovação de carteiras de trabalho.

● Faltam 48 dias para o ministro Roberto Cardoso Alves deixar o governo

HOJE — 23-30h
GENTIL
Canal 9 —
"P'RA OND
I.P.T.U — Camelot
Turismo — Fe
VEJA E

Inform
S I N D I
Quem li
huma
com um
Assinaturas: (

JORNAL I
Áreas de C
Rio de Janeiro Noticiário (021
Classificados (021) 284-8133
São Paulo (011) 224-8133
Brasília (061) 223-5888
Classificados por telefone
Rio de Janeiro (021) 580-5522
Outras Praças (021) 800-4613
Avisos Religiosos e Fúnebr
Tels (021) 585-4320 (021) 1
S
Brasília Setor Comercial Su
Denasa, 2º andar CEP 70302
(061) 1 011
São Paulo Avenida Paulista,
Paulo, SP telefone (011) 28
(011) 23 038
Minas Gerais Av Afonso Pe
B Horizonte MG telefone (0
R. G. do Sul Rua Tenente-C
Sta Teresa CEP 90640 F
33-1711 (PBX) telex (0512) 1
Bahia Rua Conde Pereira C
CEP 41100 telefone (071) 24

Preços das Assinaturas (d
Entrega Domiciliar
Rio de Janeiro
Minas Gerais/Espirito Santo/SB
Goiania/Salvador/Macedo/Ct
Curitiba/Florianopolis/Porto J
Campo Grande (7) Brasil
Recife/Fortaleza/Teresin
Natal/João Pessoa/São Ls
Camaçari-BA
Mauaus
Pará/Rondonia
Entrega postal em todo o território
(*) No caso específico de Brasília

Ancelmo Gois, com sucursais